



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL-PR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOLOGIA E
DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

CIBELE RAQUEL DELERA CORADELI

ENTRE PESTES, CRISES E INVESTIMENTOS PÚBLICOS: A CRIAÇÃO
INDUSTRIAL DE SUÍNOS NO OESTE DO PARANÁ (1970-1980)

LARANJEIRAS DO SUL, PR

2023

CIBELE RAQUEL DELERA CORADELI

**ENTRE PESTES, CRISES E INVESTIMENTOS PÚBLICOS: A CRIAÇÃO
INDUSTRIAL DE SUÍNOS NO OESTE DO PARANÁ (1970-1980)**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável (PPGADR), da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Mundstock Xavier de Carvalho

LARANJEIRAS DO SUL, PR

2023

CIBELE RAQUEL DELERA CORADELI

**ENTRE PESTES, CRISES E INVESTIMENTOS PÚBLICOS: A CRIAÇÃO
INDUSTRIAL DE SUÍNOS NO OESTE DO PARANÁ (1970-1980)**

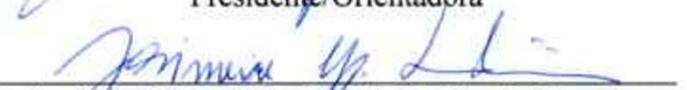
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 17/08/2023.

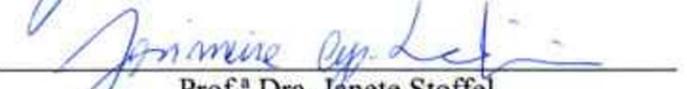
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Josimeire Aparecida Leandrini
Presidente/Orientadora



Prof. Dr. Miguel Mundstock Xavier de Carvalho
Coorientador



Prof.ª Dra. Janete Stoffel
1º Membro



Prof. Dr. Fábio Pontarolo
2º Membro

“Em virtude realização de banca on-line, este documento assinado pela Presidente como representante dos demais membros.”

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Coradeli, Cibele Raquel Delera

ENTRE PESTES, CRISES E INVESTIMENTOS PÚBLICOS: A CRIAÇÃO INDUSTRIAL DE SUÍNOS NO OESTE DO PARANÁ (1970-1980) / Cibele Raquel Delera Coradeli. -- 2023. 87 f.:il.

Orientador: Doutor Miguel Mundstock Xavier de Carvalho

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Laranjeiras do Sul, PR, 2023.

1. Suinocultura no Paraná.. 2. Propagação de doenças.. 3. Desenvolvimento Rural Sustentável.. 4. Bem-estar animal.. I. Carvalho, Miguel Mundstock Xavier de, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus pelo dom da vida, pela saúde e por ter me concedido determinação para trilhar esta jornada.

Agradeço a minha amada mãe, Zeni Rosa Delera, exemplo de força e coragem, por todo incentivo e apoio incondicional, que mesmo diante das dificuldades da vida me proporcionou as condições necessárias para que eu chegasse até aqui.

A minha amada filha, Isabella Coradeli, minha motivação diária, exemplo de doçura, carinho e amor.

Ao meu amigo e companheiro Jhonatan de Freitas por suas palavras que acalentaram meu coração nos momentos de angústia e vontade de desistir.

As minhas irmãs Grasiela e Érica Daiana, pelo apoio.

A todos os professores do programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável que contribuíram para minha formação e a Universidade Federal da Fronteira Sul pela oportunidade.

Aos colegas de mestrado pelo incentivo e apoio nos momentos difíceis, especialmente as amigas Jéssica, Lucimara e Marieli.

Ao meu orientador Miguel Mundstock Xavier de Carvalho pela paciência, disponibilidade e ensinamentos.

Aos professores da banca, Janete Stoffel e Fábio Pontarolo pelas considerações.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do local da pesquisa.	17
Figura 2 - Gráfico do crescimento de consumo de carne <i>percapita</i> entre 1961 à 2017.	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCS	Associação Brasileira de Criadores de Suínos
APS	Associação Paranaense de Suinocultores
ACARPA	Associação De Crédito e Assistência Rural do Paraná
COPAGRIL	Cooperativa Mista Rondon
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento no Brasil
BRDE	Banco Regional de Desenvolvimento do extremo sul
DIPOA	Departamento Nacional de Inspeção de Produtos de Origem Animal
GEDE	Grupo de Erradicação de Doenças Exóticas e Emergenciais
ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
PS	Peste Suína
PSA	Peste Suína Africana
PADS	Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Suinocultura
PRODOPAR	Programa especial de Desenvolvimento do Oeste do Paraná
SEAGRI	Sistema Estadual de Agricultura
SUNAB	Superintendência Nacional do Abastecimento
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA	16
3	CAPÍTULO I.....	21
3.1	SUINOCULTURA INDUSTRIAL E DESENVOLVIMENTO RURAL (IN)SUSTENTÁVEL NO PARANÁ.....	21
3.2	OS ANIMAIS NA HISTÓRIA	21
3.3	DESENVOLVIMENTO RURAL, AGROECOLOGIA E BEM-ESTAR ANIMAL	28
3.4	IMIGRAÇÃO EUROPÉIA E OS CRIADORES DE SUÍNOS NO OESTE DO PARANÁ.....	37
4	CAPÍTULO II	41
4.1	SUINOCULTURA NO PARANÁ NA DÉCADA DE 1970	41
4.2	DOENÇAS RELACIONADAS AOS SUÍNOS E DIFICULDADES ECONÔMICAS DOS CRIADORES	45
4.3	TOLEDO E MARECHAL CÂNDIDO RONDON	54
5	CAPÍTULO III.....	63
5.1	A SUINOCULTURA PARANAENSE E AS RELAÇÕES COM AS AGROINDÚSTRIAS E O PODER PÚBLICO	63
5.2	INFRAESTRUTURA E POLÍTICAS AGRÍCOLAS DE APOIO A SUINOCULTURA.....	63
5.3	O AVANÇO DA SOJA E A SUINOCULTURA	69
5.4	PROPAGANDAS DA SUINOCULTURA.....	73
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
	FONTES	84

RESUMO

O presente estudo investiga a criação industrial de suínos no Oeste do estado Paraná na década de 1970-1980, a qual ocorreu a partir da adoção de um sistema de criação intensivo de animais em sistema de confinamento. Neste trabalho também estiveram presentes as discussões em torno da propagação das doenças originárias do sistema de criação intensivo (confinamento) e suas implicações para o bem-estar dos animais. Atualmente, a produção animal em larga escala está diretamente associada ao aumento dos impactos ambientais, desmatamento, mudanças climáticas, perda da biodiversidade e principalmente mudanças nos hábitos alimentares das populações ao redor do mundo, as quais incluem aumento no consumo de carne e derivados. No capítulo 1 priorizou-se a discussão em torno da suinocultura industrial paranaense, a partir dos debates sobre o desenvolvimento rural (in)sustentável, buscando levantar questionamentos em relação às mudanças ocorridas frente ao atual modelo de desenvolvimento imposto a partir da inserção capitalista. No capítulo 2, a partir da análise das reportagens selecionadas no jornal Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR), disponíveis no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Estado, buscou-se compreender os caminhos que levaram a suinocultura a se tornar massivamente industrial no Paraná. No entanto, após a análise das reportagens fomos direcionados a compreender as dificuldades econômicas que os suinocultores enfrentaram naquele período e os impactos das doenças que acometem os suínos como a Peste suína clássica, (PS), Peste Suína Africana (PSA) e como suas implicações foram decisivas para a configuração de desenvolvimento atual da região. Por fim, no capítulo 3 este trabalho tratou das transformações técnicas e econômicas da suinocultura no Paraná no referido período, tendo por foco a relação com as agroindústrias seus frigoríficos e a influência do poder público. Está pesquisa classifica-se como documental, com aporte hemerográfico¹ e bibliográfico, pois utilizamos da leitura e análise das reportagens selecionadas no jornal Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR) disponíveis no site da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Estado. Os resultados obtidos através das análises das reportagens foram submetidos ao método de Análise de Conteúdo, método que busca a interpretação dos dados a partir de categorizações que auxiliam na compreensão e elaboração de conclusões efetivas.

¹A Pesquisa Hemerográfica trata da investigação em jornais.

Palavras-chave: Suinocultura no Paraná; Propagação de doenças; bem-estar animal; Desenvolvimento Rural Sustentável.

ABSTRACT

This study aims to investigate industrial pig farming in the west of the state of Paraná in the 1970s-1980s, which occurred following the adoption of an intensive animal breeding system in a confinement system. Discussions were also present that addressed the spread of diseases originating from this intensive farming system and its implications for animal welfare. Currently, large-scale animal production is directly associated with increased environmental impacts, deforestation, climate change, loss of biodiversity and mainly changes in the eating habits of populations around the world, which include an increase in the consumption of meat and meat products. In chapter 1, the discussion around industrial pig farming in Paraná was prioritized, based on the debates on (un)sustainable rural development, seeking to raise questions in relation to the changes that have occurred in the face of the current development model imposed by capitalist insertion. In chapter 2, based on the analysis of reports selected in the newspaper *Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados* (PR), available on the Hemeroteca Digital website of the National State Library, we sought to understand the paths that led pig farming to become massively industrial in Paraná. However, after analyzing the reports, we were directed to understand the economic difficulties that pig farmers faced during that period and the impact of diseases that affect pigs such as Classical Swine Fever (PS), African Swine Fever (ASF) and their implications were decisive for the current development configuration of the region. Finally, in chapter 3 this work dealt with the technical and economic transformations of pig farming in Paraná in that period, focusing on the relationship with agro-industries, its slaughterhouses and the influence of public authorities. This research is classified as Documentary, with a hemerographic and bibliographical contribution, as we used the reading and analysis of reports selected in the newspaper *Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados* (PR) available on the website of the digital newspaper library of the National State Library. The results obtained through the analysis of the reports were subjected to Content Analysis, a method of interpreting data based on categorization that help in understanding and drawing effective conclusions.

Keywords: Pig farming in Paraná; Spread of diseases; animal welfare; Sustainable Rural Development.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo investigou as transformações que ocorreram na suinocultura a partir do processo de criação industrial de suínos no Oeste do Estado do Paraná no período que compreendeu a década de 1970-1980. As temáticas abordadas foram sistema de criação animal intensivo (confinamento), a propagação de doenças originárias desse sistema de criação animal e suas consequências para o bem-estar animal.

De acordo com Viana (2004) a prática de criar animais domésticos no Brasil iniciou-se em 1534, a partir da viagem de Martim Afonso de Souza, com a decisão de ocupação e expansão do território brasileiro. Todavia, a partir do crescente interesse na importação de animais, muitas vezes as normas sanitárias não eram cumpridas, aumentando consideravelmente os riscos da entrada de doenças exóticas como, por exemplo, a entrada da peste bovina no Brasil em 1921.

De acordo com o Atlas da Carne (2016), nas últimas décadas o processo de modernização da agricultura e a crescente reestruturação da pecuária desencadearam em diversas modificações no funcionamento do sistema agroalimentar brasileiro. Nesse cenário, a indústria da carne vem crescendo a cada dia, principalmente no que se refere a criação de animais como porcos e frango que por serem criados em sistema de confinamento, são utilizados para suprir a demanda por carne barata.

A produção da carne derivada da pecuária industrial são partes integrantes das questões econômicas, políticas e socioambientais. Também é um assunto de saúde pública, devido às condições adotadas pelo atual modelo de produção animal em sistema de confinamento. Um dos grandes problemas presente no sistema de criação animal intensivo está no uso indiscriminado de antibióticos utilizados para auxiliar os animais a sobreviver em meio à superlotação e em condições duvidosas até o momento do abate nos frigoríficos. (ATLAS DA CARNE, 2016).

Atualmente os riscos à saúde humana ficam evidentes a partir da informação de que são administrados mais antibióticos em animais saudáveis do que em humanos doentes. O uso indiscriminado desses medicamentos apresenta sérios riscos à saúde humana porque torna os vírus mais resistentes. A situação ainda se agrava porque além dos antibióticos, utilizam-se promotores de crescimento com o objetivo de alterar o tamanho dos animais e promover uma engorda mais rápida. Esses medicamentos quando aplicados em porcos, por exemplo, necessitam em média 15% a menos de alimentos para atingir o peso de comercialização (ATLAS DA CARNE, 2016).

Além disso, em 2020, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUD) lançou um relatório sobre o Covid-19 e sobre futuras pandemias. O relatório cita os sistemas alimentares como potenciais causadores de novas pandemias. Desse modo, compreende-se que as frequentes pandemias são resultadas de como as pessoas cultivam alimentos, consomem e trocam animais e alteram os ambientes. Fato que alguns fatores estão provocando o surgimento de novas doenças e quatro das que são citadas no relatório, apresentam relação direta com a produção animal. Entre elas estão o frequente aumento da demanda por proteína animal; a intensificação agrícola insustentável, particularmente relacionada à criação de animais; desmatamentos e mudanças climáticas, principalmente emissão de gases de efeito estufa, ocasionados pela indústria da carne. E ainda destaca o aumento de microrganismos patogênicos advindo dos animais para os seres humanos devido às atividades humanas insustentáveis (ANIMAL EQUALITY, 2022).

Outra informação do Atlas da Carne (2016) afirma que com a safra de 2013-2014 o Brasil alcançou o posto de maior produtor de soja em nível mundial atingindo uma produção de aproximadamente 90 milhões de toneladas por ano. A produção dessa monocultura tem sido apontada como um dos principais responsáveis por grande parte do desmatamento do país, principalmente de regiões dominadas pelo agronegócio. As consequências são presenciadas dia após dia por meio da diminuição das áreas destinadas para as plantações de alimentos. O agronegócio responsável pela maior produção de soja do país recebe subsídios muito maiores que a agricultura familiar, que contribui com aproximadamente 70% dos alimentos consumidos no país.

Outro fator relacionado à produção de soja é o aumento desenfreado do uso de agrotóxicos, que impactam diretamente a saúde das pessoas que trabalham com esses produtos, acarretando aumento de doenças como cânceres, doenças respiratórias e contaminação. Porém, essas informações são pouco difundidas e relacionadas à produção e ao consumo de carne (ATLAS DA CARNE, 2016).

A partir do exposto, essa pesquisa tem por objetivo analisar as transformações da suinocultura a partir do processo de criação industrial de suínos no Oeste do estado Paraná na década de 1970-1980. Durante a construção desse trabalho utilizou-se os termos (porcos e suínos, criadores de suínos e suinocultores), conforme as informações contidas nas reportagens selecionadas procurando sempre ser fiel às informações presentes nos textos.

O interesse da pesquisadora pelo Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável nasce em 2017 ao ingressar no curso de pós-graduação em Educação no Campo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), quando se aproximou

da temática. Além disso, as inserções das práticas agroecológicas de um modo geral, estão cada vez mais presentes na região (Centro-Sul do estado do Paraná) através de um conjunto de ações que envolvem a Rede Ecovida de Agroecologia, o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e a Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Laranjeiras do Sul.

Ainda que existam limitações, como no desenvolvimento de sistemas de produção agroecológicos em maior escala, na produção de alimentos, e na produção da carne agroecológica. Porém esta é uma limitação que precisa ser discutida e tratada com atenção, pois muitas vezes, quando pensamos na produção de alimentos como o arroz e feijão, por exemplo, nos passam despercebidos os caminhos que envolvem a produção da carne.

A sugestão do tema de pesquisa foi apresentada pelo meu orientador, professor Miguel, que é especialista na área e utiliza dessa metodologia em suas pesquisas acadêmicas, realizando trabalhos de análises documentais sobre diferentes processos históricos. Porém, inicialmente, a identificação com a temática partiu do interesse em entender sobre a cadeia de produção de alimentos (carne) em sistema de confinamento, principalmente por estar relacionada à propagação de doenças como influenza, Covid-19 e outros.

Ressalto que no início do programa de Pós-Graduação estávamos em pleno período da pandemia do Covid-19, em um momento de medos e incertezas, marcado pelo total isolamento social. Nesse momento, vários questionamentos nos levaram a refletir sobre os alimentos que estávamos consumindo. Embora, alguns autores já discutiram os efeitos negativos da pandemia e como as suas consequências afetariam todo o sistema alimentar global.

Schneider et al. (2020) afirma que o surto pandêmico da Covid-19, evidenciou ainda mais a fragilidade do sistema alimentar e sua ineficiência para enfrentar de modo sustentável as crises recorrentes as quais está exposto, especialmente relacionado aos riscos à saúde pública, gerados pelo modelo industrial de produção e consumo de alimentos. Ademais, antes da pandemia da Covid-19 a produção em larga escala de proteína animal já estava sendo contestada por representar em torno de 15% das emissões de gases de efeito estufa (FAIR, 2020), além de ser intensiva no uso de antibióticos, resultando em efeitos negativos à saúde humana (ONU, 2017)

A partir disso, as discussões também envolveram as práticas existentes dentro do sistema de confinamento, principalmente relacionadas à disseminação de doenças, as técnicas inexistentes ou pouco eficientes em torno do bem-estar dos animais, e o uso de antibióticos e promotores de crescimento que prejudicam a saúde dos consumidores.

Além disso, em 2022, notícias entre os meios de comunicação local informaram que no município de Laranjeiras do Sul-PR iniciava-se a implantação de um grande projeto para a

construção da maior maternidade de suínos do Brasil. O projeto conhecido como “Agro Laranjeiras”, pretende ser uma maternidade de suínos especializada na criação de leitões que serão mantidos na maternidade até os 28 dias de vida. Em seguida, os animais serão encaminhados para empresas parceiras que ficarão responsáveis pela engorda até o momento de encaminhá-los para o abate em frigoríficos. Estima-se que a produção semanal será de 20 mil leitões desmamados, com previsão de abate anual de 1.031.573 suínos, com uma produção de carnes e derivados de 103.157 toneladas (AEN, 2022).

De acordo com as informações, o projeto receberá apoio do governo do Estado que pretende investir R\$480 milhões em Laranjeiras do Sul-PR e contará com uma fábrica de ração para os animais. O empreendimento deve movimentar a produção agrícola da região, pois serão necessários 3,4 milhões de sacas de milho e 1,3 milhão de sacas de soja por ano para alimentar os animais (AEN, 2022).

Essa dissertação é composta pela introdução, a metodologia a qual contém o local de pesquisa, a caracterização da área de estudo, o objetivo geral e os objetivos específicos, e as perguntas norteadoras. As perguntas norteadoras foram pensadas e elaboradas com a intenção de direcionar o olhar da pesquisadora para a centralidade das reportagens, visto que o material disponível para coleta de dados é muito amplo.

Na próxima seção será descrita a metodologia que foi utilizada para a realização desta pesquisa, destacando o tipo da pesquisa realizada, a caracterização da área de estudo e o aporte metodológico utilizado para investigar as transformações da suinocultura a partir do processo de criação industrial de suínos no Oeste do Paraná.

No primeiro capítulo, foi realizada uma abordagem teórica sobre a suinocultura industrial e a forma de desenvolvimento rural (in) sustentável utilizando as reflexões de alguns autores que discutem sobre a criação intensiva de animais e o aumento do consumo da carne nas últimas décadas, além da relação com futuras pandemias. Este capítulo foi dividido em três partes: escrevemos brevemente sobre a importância dos animais na história e sobre o risco de novas pandemias e outras doenças originárias desse sistema de criação intensivo (confinamento). Na próxima seção tratamos sobre o Desenvolvimento Rural, Agroecologia e Bem-Estar Animal. Em seguida discutiu-se a relação da imigração com a criação de suínos no Oeste do Paraná.

No segundo capítulo a partir da análise e interpretação de fontes jornalísticas contidas no Jornal: Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR) 1955-1983 disponíveis no site

da Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Digital Brasileira², realizamos uma leitura desse importante processo histórico. Buscando compreender como ocorreu o processo de criação industrial de suínos no Oeste do Paraná na década de (1970-1980). Este capítulo foi dividido em três partes, debatemos a Suinocultura no Paraná na década de 1970, abordaram-se as doenças relacionadas aos suínos e as dificuldades econômicas dos criadores e a importância dos municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon para o desenvolvimento da suinocultura na região.

O terceiro capítulo trata das transformações técnicas e econômicas da suinocultura no Paraná na década de 1970, tendo como foco a relação com as agroindústrias e seus frigoríficos e com o poder público. São analisadas as intervenções dos governos federais e estaduais, no sentido de incentivar a suinocultura, como a extensão rural, subsídios fiscais e construção da infraestrutura facilitadora do processo, como asfaltamento de estradas ou fornecimento de energia elétrica.

²Hemeroteca Digital **BIBLIOTECANACIONAL**. Disponível em: <https://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12/03/2022.

2 METODOLOGIA

Esta seção apresenta a metodologia e os caminhos percorridos para alcançarmos os objetivos propostos durante a construção desse trabalho. Quanto aos objetivos esta pesquisa classifica-se como documental, com aporte hemerográfico³ e bibliográfico, pois utilizamos da leitura e análise das reportagens selecionadas no jornal Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR) disponíveis no site da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional do Estado.

De acordo com Gil (2002) o tipo de pesquisa documental possibilita ao pesquisador ter acesso a documentos, se configurando como uma fonte rica de dados e uma importante fonte de dados de natureza histórica, além de ter baixo custo financeiro. No entanto, exigem que o pesquisador tenha disponibilidade de tempo para selecionar os materiais e desenvolver a pesquisa.

Acerca das fontes hemerográficas, foram pesquisadas matérias contidas no Jornal Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR) distribuídos em cadernos. A coleta e análise dos dados ocorreram a partir da seleção das reportagens. Como recorte temporal, estabelecemos a década de (1970-1980). Ressaltamos que as matérias jornalísticas registravam notícias de âmbito internacional e nacional, porém priorizava os acontecimentos do Estado do Paraná e da sua capital, Curitiba.

A utilização de jornais como fonte documental para pesquisas apresenta uma série de vantagens, a imprensa é rica em dados e elementos e em alguns períodos constituem-se como única fonte de reconstituição histórica, desse modo, permite um melhor conhecimento das sociedades em níveis sociais, políticos e culturais. Também permite que o pesquisador estabeleça a periodicidade dos fatos, “os jornais são arquivos do cotidiano registrando a memória do dia a dia, e este acompanhamento diário permite estabelecer a cronologia dos fatos históricos” (ZICMAN, 1985, p.90). No entanto, cabe ao pesquisador observar e analisar criticamente os potenciais interesses das informações contidas implícitas e explicitamente nas páginas dos jornais.

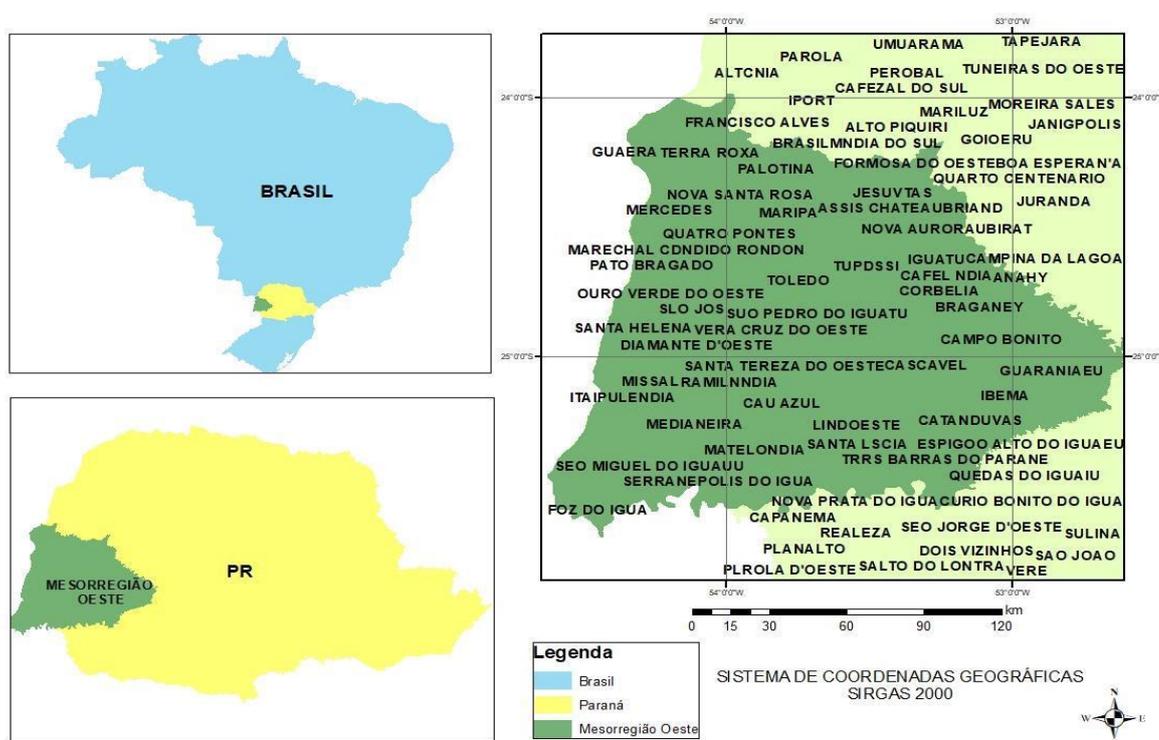
A fonte da pesquisa, o Diário do Paraná fez parte do conglomerado dos Diários Associados, grupo pertencente a Assis Chateaubriand, fundado em 1955 e teve suas atividades finalizadas em 1983. O grupo tinha por objetivo criar uma cadeia nacional de informação e teve seu primeiro jornal lançado em 1924 ao todo entre emissoras de televisão, jornais e rádios,

³A Pesquisa Hemerográfica trata da investigação em jornais.

estiveram envolvidas aproximadamente noventa empresas. O grupo exerceu grande influência sobre a política e a imprensa brasileira no período militar, principalmente porque manteve um posicionamento político com ideias conservadoras de apoio à ditadura (SANGLARD *et al.*, 2016).

Como local de pesquisa delimitamos o Oeste do Paraná (Figura 1) por ser uma importante região criadora de animais em regime intensivo, confinamento (CARVALHO *et al.*, 2016). Conforme, o mapa do local da pesquisa.

Figura 1 - Mapa do local da pesquisa.



Fonte: organizado pela autora (2023).

Como Objetivo Geral este estudo pretende investigar o processo histórico que levou à criação industrial de suínos na paisagem do Oeste do Paraná na década de 1970-1980.

Este trabalho também pretende alcançar os seguintes objetivos específicos:

- Investigar as percepções sobre os suínos durante esse processo histórico;
- Investigar como a utilização da soja influenciou na suinocultura na década de 1970-1980;
- Investigar as percepções e propagandas governamentais sobre a carne suína nesse processo histórico.

Como critério utilizado para tabulação e análise dos dados ou percurso metodológico para fundamentar a pesquisa utilizamos o método de análise de conteúdo⁴, conforme descritas por Bardin (2016). Os resultados obtidos através das análises das reportagens foram submetidos à Análise de Conteúdo, um método de interpretação dos dados a partir de categorizações que auxiliam na compreensão e elaboração de conclusões efetivas.

De acordo com Laurence Bardin (2006) a análise de conteúdo ocorre em três etapas: “Pré-Análise, exploração do material e tratamento dos dados, a inferência e a interpretação” (BARDIN, 2006, p.96) A etapa de pré-análise consiste em organizar os processos de desenvolvimento das operações, sistematizar documentos, indicadores, variáveis, hipóteses, objetivos, coleta de informações e transcrição das reportagens. A etapa de exploração do material e tratamento, é a categorização dos dados coletados com base nas variáveis sistematizadas na primeira etapa.

As reportagens selecionadas foram criteriosamente analisadas através da leitura, constitui-se como uma das mais trabalhosas, pois é necessário que o pesquisador disponha de tempo para ler e organizar as reportagens. Por fim, a etapa de tratamento dos resultados obtidos e a construção da interpretação dos resultados. Neste momento os resultados são tratados de maneira a ser significativos, categorizações da segunda etapa são trabalhadas a fim de encontrar interpretações e conclusões de acordo com os objetivos propostos, em que os dados obtidos são convergidos com a fundamentação teórica da pesquisa, nesse momento o pesquisador pode propor inferências relacionadas a novas descobertas (BARDIN, 2016).

Após a leitura das reportagens e prévia seleção o conteúdo foi organizado por categorias. Conforme apontado por Gomes (1994, p. 70) “a palavra categoria se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si [...] trabalhar com categorias significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito [...]”. Em seguida, as informações contidas nas reportagens foram analisadas e interpretadas. A análise tem por objetivo “[...] organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação” (GIL, 2011, p. 156). Já a interpretação tem como objetivo “[...] a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos” (GIL, 2011, p. 156).

Tanto a análise quanto a interpretação fazem parte do movimento de olhar com atenção para os dados da pesquisa (GOMES, 1994). O processo de análise é composto por três

⁴Método de análise elaborado por Laurence Bardin (1977).

elementos: compreender os dados coletados, obter a confirmação ou não das hipóteses que foram levantadas e ampliar o conhecimento sobre a temática estudada (MINAYO, 1998).

Utilizamos três termos de buscas para delimitar o acesso às ocorrências no acervo da Hemeroteca Digital, visto que o material é amplo. Os termos foram “*SUÍNOS*”, “*SOJA SUÍNOS*” e “*FRIGORÍFICO SUÍNOS*”, inicialmente encontramos 1.227 matérias referentes à década de 1970-1980 que traziam em suas linhas notícias sobre o assunto ou apresentavam alguma relação com os termos pesquisados. Primeiramente realizou-se uma leitura prévia para encontrarmos reportagens condizentes com os objetivos propostos na pesquisa, vale ressaltar que a suinocultura no Paraná era um tema presente diariamente nas notícias deste jornal.

Na primeira busca utilizamos como termo de busca ou palavras-chave “*SUÍNOS*”, e encontramos (850) ocorrências relacionadas ao tema. Desse total, após leitura delimitamos para (107) reportagens as quais foram lidas e analisadas com mais profundidade. Dessas, foram selecionadas (19) ocorrências para serem discutidas no trabalho por estarem relacionadas com o local da pesquisa e com as perguntas norteadoras.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, na segunda busca utilizamos como palavra-chave o termo, “*SOJA SUÍNO*” e encontramos (350) ocorrências. Dessas foram selecionadas (19) devido à proximidade com a temática e por estarem relacionadas com as perguntas norteadoras. Na terceira busca utilizamos como termo de pesquisa a palavra-chave “*FRIGORÍFICO SUÍNO*” e encontramos (62) ocorrências. Dessas, (4) ocorrências foram selecionadas para análise para posteriormente discussão no trabalho. Na etapa de pré-análise, foi possível identificar temas emergentes ao redor do assunto geral, dentre as quais estavam as doenças que acometiam os animais, como a Peste Suína e a Peste Suína Africana. Devido à relevância das reportagens considerou-se passíveis de análise e foram discutidas nesse trabalho, porém, não estavam inicialmente pré-determinadas na elaboração das perguntas norteadoras.

Importante ressaltar que um dos critérios decisivos para alcançarmos os resultados esperados neste trabalho foi a escolha de perguntas norteadoras, pensadas com o objetivo de organizar as ideias com o intuito de direcionar a pesquisa. As perguntas foram: Quais eram as promessas para os futuros criadores, o que se dizia sobre os animais, e o que se falava sobre a carne e a banha produzida no estado? O que se afirmava sobre outras formas de criação de animais? Qual era a propaganda da carne e da banha desenvolvida no estado? Quando surgiram iniciativas para a produção de carne orgânica ou retorno da criação de animais soltos? Quando aparece a discussão sobre bem-estar animal? E por quê? Como essas granjas se relacionam com as transformações dos hábitos alimentares da população?

O próximo capítulo buscou a partir de considerações de diferentes autores, compreender os principais conceitos relacionados à suinocultura e a criação industrial de suínos no Paraná, além disso trouxemos conceitos sobre o desenvolvimento rural sustentável, agroecologia e bem estar-animal.

3 CAPÍTULO I

3.1 SUINOCULTURA INDUSTRIAL E DESENVOLVIMENTO RURAL (IN)SUSTENTÁVEL NO PARANÁ

Neste capítulo foi realizada uma abordagem teórica utilizando as discussões de autores que debatem sobre a criação intensiva de animais e o aumento do consumo da carne nas últimas décadas contribuindo para um crescimento (in) sustentável. Este capítulo foi dividido em três partes: na subseção 3.1 descrevemos brevemente sobre a importância dos animais na história e sobre o risco de novas pandemias e outras doenças originárias desse sistema de criação intensivo (confinamento). Na seção 3.2 tratamos sobre o Desenvolvimento Rural, Agroecologia e Bem-Estar Animal. Na seção 3.3 discutiu-se a relação da imigração com a criação de suínos no Oeste do Paraná.

3.2 OS ANIMAIS NA HISTÓRIA

Os animais sempre estiveram presentes na história, inicialmente de maneira geral, foram fundamentais para as sociedades humanas, pois forneciam carne, leite, transporte terrestre, entre outros. Os animais foram utilizados para alimentação, vestuário, dominação e para domesticação. De acordo com Diamond (2017) a domesticação animal envolve a transformação dos animais selvagens em algo útil para os seres humanos, um animal domesticado é seletivamente criado em cativeiro para ser usado por homens que controlam sua procriação e sua alimentação. A data de domesticação de todas as espécies de grandes mamíferos, ocorreu entre 8000 e 2500 a.c., iniciando com as ovelhas, cabras e porcos, terminando com os camelos.

A domesticação animal resultou em diferenças nos animais selvagens, as quais incluíram mudanças em seus tamanhos, além de cérebros e sentidos menos desenvolvidos. Diamond (2017) afirma que o início da domesticação animal acontece quando se mantêm animais domésticos como animais de estimação. Porém, algumas espécies foram mais adequadas que outras para a domesticação, e poucas espécies atraíram a atenção de muitas sociedades diferentes. São as chamadas domesticações isoladas da mesma espécie, por exemplo, onde os lobos foram domesticados para se tornarem cães. De um total de 148 espécies

dos grandes mamíferos herbívoros, somente 14 espécies passaram no teste de domesticação e isso aconteceu porque, para que apenas uma espécie selvagem seja domesticada, é necessário que disponha de muitas características diferentes (DIAMOND, 2017).

Para a domesticação animal dar certo existe uma estrutura social ideal onde os humanos assumem o controle da hierarquia e da dominação dos animais. Essas características são encontradas em animais que vivem em rebanhos e mantêm uma hierarquia de dominação bem desenvolvida. Além disso, devem ocupar as mesmas pastagens, em vez de territórios exclusivos para cada um. Algumas espécies não foram domesticadas pelo simples fato de que a maioria das espécies de animais forma um casamento infeliz com os seres humanos, e isso ocorre por razões como: dieta, taxa de crescimento, hábitos de acasalamento, tendência ao pânico e várias características distintas de organização social (DIAMOND, 2017).

É fato que a domesticação das primeiras espécies dos animais não humanos foi fundamental para a sobrevivência dos seres humanos. Contudo, a partir da domesticação animal, também vieram às doenças, que em primeiro momento, se originam a partir do contato estabelecido entre os homens e os animais. Ao longo dos séculos, doenças como varíola, gripe, tuberculose, malária, peste bubônica, sarampo e cólera, se desenvolveram a partir de doenças provenientes dos animais e foram os principais assassinos da humanidade, inclusive modificando de forma decisiva o percurso da humanidade (DIAMOND, 2017).

As doenças advindas dos animais foram importantes e são representadas através das conquistas dos europeus sobre os povos ameríndios, com o extermínio de povos nativos, aborígenes, australianos e os *coissãs*. Nesse período os germes e as doenças, agiram a favor dos europeus, embora estes tivessem vantagem em termos de armas, tecnologia e de organização política sobre a maioria dos povos que conquistaram. Mas esta vantagem sozinha não conseguiu explicar como poucos imigrantes europeus conseguiram aniquilar tantos nativos das Américas e de outras partes do mundo. (DIAMOND, 2017).

Atualmente, as questões sobre os animais e como estes se relacionam com as doenças humanas, dizem muito sobre a saúde dos seres humanos. De acordo com Diamond (2017) doenças como a Aids, uma doença humana que se tornou epidêmica, se propagou e evoluiu de um vírus que existe em macacos africanos selvagens. Além de outras doenças infecciosas epidêmicas, como por exemplo, o sarampo, rubéola, coqueluche e a varíola que também apresentam características comuns. Essas doenças, além de serem rapidamente transmissíveis, se transformam em epidemia através da disseminação dos micróbios e da passagem dos sintomas entre as populações.

De acordo com Diamond (2017), alguns fatores sociais também influenciaram na evolução das doenças infecciosas, como o surgimento da agricultura e o desenvolvimento das cidades. A aglomeração das populações e a falta de condições sanitárias adequadas, aliada a proximidade entre homens e animais contribuíram sobremaneira para desencadear a propagação de micróbios e bactérias. A partir disso, quando a população humana cresce, atinge a fase na qual poderia desenvolver e sustentar doenças de multidão restritas à nossa espécie.

Diamond (2017) ainda cita as fases na evolução de uma doença humana a partir do precursor animal. E são as doenças que apanhamos de nossos animais de estimação e animais domésticos, doenças de um antigo agente patogênico animal que após evoluir, passam a ser transmitidas entre as pessoas causando epidemias. Neste caso, a epidemia desapareceu por razões como a cura e a interrupção quando todos já foram infectados e se tornaram imunes ou morreram. E existe a fase do ciclo evolutivo das doenças, onde antigos agentes patogênicos de animais se alojam em animais, nessa fase uma doença exclusiva dos animais torna-se exclusiva dos seres humanos.

Recentemente, a partir do cenário caótico provocado pela pandemia do coronavírus, surge o interesse em se discutir a criação industrial de suínos, quando se considera a possibilidade e risco de novas pandemias e outras doenças originárias desse sistema de criação intensivo (confinamento). Além disso, esse tema interliga-se ao sistema alimentar global e o aumento da produção e do consumo de carne nos últimos anos, aliada a produção desenfreada de monoculturas como a soja e outros grãos destinados à exportação.

Alguns estudos apontam que o vírus (SARS-COV-2) originou-se em mercados de animais vivos em grandes centros de Wuhan, província de Hubei, China. Por uma série de motivos estes ambientes são lugares vulneráveis e propícios para a propagação de doenças infecciosas transmitidas entre animais e seres humanos (SCHNEIDER *et al.*2020).

De acordo com Weis (2013) na última metade do século ocorreu a maior mudança quanto a criação de animais e se deslocou principalmente para países como China e Brasil. A crescente produção de animais e a industrialização da pecuária são extremamente problemáticas, pois envolvem uma série de instabilidades relacionadas ao comportamento animal. Os animais são instintivos e não aceitam com facilidade o processo de mecanização e aglomeração a qual são expostos nesses ambientes. Além disso, fatores como confinamento, privações sensoriais e mau cheiro, acarretam o aumento do estresse animal, contribuindo para aumentar as patologias comportamentais, e conseqüentemente elevam os riscos de doenças como a gripe suína e aviária, por exemplo.

Altieri e Nicholls (2020) citam um dos casos pandêmicos mais recentes, causado por um tipo de gripe (Influenza) originário de um vírus desconhecido que posteriormente ficou conhecido como H1N1 ou gripe suína. Esta gripe teria se originado no México, em abril de 2009, se espalhando rapidamente causando entre 120 mil e 250 mil mortes em todo o mundo em um período de apenas um ano.

Portanto, o debate em torno do sistema de criação intensivo de animais (confinamento) é de grande relevância visto que nesse sistema as grandes propriedades têm por objetivos produzir em grande escala, sem considerar, as implicações decorrentes desse processo. As condições sanitárias e de produção, a propagação de doenças originárias desse sistema de criação animal que tem como meio a aglomeração dos animais. Nesses espaços cria-se um ambiente muito propenso para mutação e propagação de vírus como a influenza. Conforme Altieri e Nicholls (2020, p. 2):

[...] As práticas nestas operações industriais (confinamento, exposição respiratória a altas concentrações de amoníaco, sulfeto de hidrogênio etc. que emanam dos dejetos) não somente deixam os animais mais susceptíveis às infecções virais, como podem proporcionar as condições pelas quais os patógenos podem evoluir a tipos de vírus mais contagiosos e infecciosos (ALTIERI E NICHOLLS, 2020, p.2).

Portanto, tais ambientes são favoráveis para deixar os animais mais suscetíveis a infecções e propiciam as condições para que os patógenos evoluam a tipos de vírus mais contagiosos e infecciosos. Em contrapartida, na tentativa de evitar o fomento de novas cepas de bactérias e evitar a origem de novas doenças que prejudicam os animais e afetam a saúde dos seres humanos, cada vez mais, se recorre a medicamentos utilizados em altas quantidades em animais saudáveis (ATLAS DA CARNE, 2016).

Além disso, a pandemia que iniciou em 2020 também levanta um alerta para a humanidade repensar o atual modelo de desenvolvimento econômico. Os últimos acontecimentos contribuíram sobremaneira para fortalecer as discussões em relação à fragilidade do atual sistema agroalimentar. Além da urgência de mudança da postura da humanidade para com os animais, ao reproduzir a violência ao obrigá-los a viver em confinamentos apertados e com um tempo de vida curto até o abate nos frigoríficos.

Schneider *et al.* (2020) aponta que o atual sistema alimentar global dos países em desenvolvimento está ancorado em uma agricultura industrial altamente difundida nos últimos anos, e se configura em um sistema monótono, pautado basicamente na produção de dois alimentos, fontes de proteína animal e grãos. Os grãos são destinados basicamente para exportação, os quais incluem soja, milho, trigo, cevada, a maior parte da produção de soja e

milho é destinada e convertida para alimentar a indústria da ração animal, que por sua vez, é convertida em carne de suíno e de frango. Como resultado desse processo tem-se a amplificação de produtos alimentícios industrializados como salame, salsichas e derivados.

Desse modo, entende-se que o atual modelo de criação intensivo em granjas industriais difundido, propagandeado e incentivado nos últimos anos, está diretamente vinculado à propagação de doenças contaminantes remetendo a problemas de saúde. Além das transformações dos hábitos alimentares da população mundial nas últimas décadas, que estão interligam-se ao aumento da produção e do consumo de carne, afetando diretamente o sistema alimentar global.

Desse modo, compreende-se que o atual esquema alimentar da forma como está configurado está diretamente ligado à saúde pública, e por meio da redução desses alimentos, e através da inserção de novos hábitos alimentares poderá existir um caminho para reduzir a demanda por esses alimentos. Além disso, através da inserção de uma dieta local diversificada em frutas, legumes e verduras encontra-se uma enorme oportunidade para a agricultura familiar rural impulsionar a agricultura local com oportunidade de fomentar o desenvolvimento rural sustentável das regiões (SCHNEIDER *et al.*,2020).

Nesse sentido, as discussões sobre a importância do debate em torno da agroecologia, assim como do papel exercido pela agricultura de base familiar para o desenvolvimento das regiões se impulsionam através de questões que envolvem desenvolvimento rural sustentável, segurança alimentar, e a produção de alimentos e da carne agroecológicos.

De acordo com Tilman e Clark (2014) nos últimos cinquenta anos a população mundial passou por várias transformações nos hábitos alimentares, entre eles estão o aumento no consumo de produtos industrializados, carne e derivados. Como resultados dessas mudanças nas dietas alimentares estão os sérios impactos na saúde humana e na saúde ambiental. Desse modo é necessário conectar as dietas, ao trilema, dieta-meio-ambiente e saúde humana, com o intuito de analisar como melhorar esta relação.

Para Tilman e Clark (2014) uma das soluções para enfrentar o trilema dieta, meio ambiente, saúde, seria adotar dietas alternativas com o objetivo de trazer benefícios à saúde. Embora a transição alimentar global seja um dos grandes desafios que a humanidade enfrenta por estar relacionada e afetar de forma negativa a saúde humana e ambiental.

O processo de globalização, a urbanização e o aumento da renda da população também contribuíram para uma mudança extrema na alimentação e, de modo geral, estão impulsionando uma transição alimentar global. Com todas as transformações ocorridas, a dieta global passou a ser baseada em alimentos processados, gorduras, açúcares, óleos e a carne, a qual teve grande

aumento no consumo e na produção em vários países nas últimas décadas (TILMAN; CLARK, 2014).

De acordo com Weis (2013) este aumento no consumo de carne desigual e crescente em países que estão passando por um processo de industrialização e a produção da pecuária industrial são partes centrais dessa crise alimentar global. Nos últimos anos o aumento da produção e do consumo de carne, a qual o autor denomina de “carneficação” das dietas, se referindo ao nível em que a produção de animais ultrapassa o crescimento da população humana e se concentra principalmente na produção de porcos e aves. Desse modo os resultados também refletem na grande sobrecarga ambiental ocasionada pelas crescentes populações de animais confinados.

Nesse sentido, Tilman e Clark (2014) afirmam que uma das soluções seria adotar dietas alternativas com o objetivo de trazer benefícios à saúde. A dieta alimentar é um fator determinante da saúde humana e é também um fator de desigualdade. Muitas pessoas mantêm dietas inadequadas e apresentaram melhora na sua saúde se em sua alimentação incluísem mais nutrientes, como minerais, vitaminas e proteínas. Os autores ainda citam que as dietas de pessoas com renda média e alta estão associadas ao aumento de doenças crônicas com maiores taxas de mortalidade.

Portanto, a crise alimentar está diretamente relacionada ao processo de mudança alimentar no mundo e está associada à dificuldade das pessoas em se alimentarem adequadamente. Para Tilman e Clark (2014) essas alterações nas dietas estão aumentando a incidência de doenças crônicas como diabetes tipo II, doenças coronarianas e alguns cânceres, além de contribuírem para o aumento da obesidade, sobrepeso e insegurança alimentar, todos esses fatores reduzem a expectativa de vida da população em âmbito global.

De acordo com Tilman e Clark (2014) no século XXI a humanidade enfrenta um dos maiores desafios da história, que está em atender as demandas alimentares crescentes, e ao mesmo tempo mitigar os impactos causados pela agropecuária, essa situação tende a piorar devido às mudanças dietéticas citadas. No ano de 2009, o grupo composto pelos quinze países mais ricos da terra, teve uma demanda per capita de proteína de animais ruminantes, suínos, aves e frutos do mar, 750% maior que o grupo composto pelas 24 nações com menor desenvolvimento econômico do planeta. A projeção é que em 2050, caso prossigam essas tendências e com o aumento previsto da população, estima-se que, a produção de alimentos na agricultura e na pecuária contribua para um aumento de 80% nas emissões globais de gases causadores do efeito estufa e desmatamento das florestas globais.

Weis (2009) afirma que a maior parte da produção mundial de grãos é destinada para alimentação de animais da pecuária, e as áreas destinadas para essas safras tiveram um aumento de 30% na segunda metade do século XX. Essa expansão se dá principalmente em função do milho e da soja. No entanto, entre 1961 e 2009 a área ocupada por milho aumentou 50% e a extensão da área coberta por soja, ficou quatro vezes maior, além da expansão dessas áreas houve aumento na produtividade, devido ao uso de insumos e tecnologias, e em 2009 foram colhidos aproximadamente 446 milhões de hectares de safras dessas culturas.

Ainda, de acordo com Foley *et al.* (2011) apenas 62% das safras colhidas globalmente têm por destino a alimentação humana, 3% são destinados para bioenergia, e cerca de 35% é alocado para alimentação de animais criados para o consumo humano, que embora sejam cadeias de produção de alimentos, como carnes e lácteos, tornam-se menos eficientes, pois não estão disponíveis e acessíveis para todos. As áreas ocupadas com o cultivo de grãos para produção de ração e as áreas cobertas com pastagens no mundo, somam um total de 3,73 bilhões de hectares, representando cerca de 75% das áreas agrícolas da terra, dedicados à pecuária.

Para Weis (2009) a atual forma de produção de alimentos também é um vetor de desigualdade, além de ser pouco eficiente, pois são necessárias extensas áreas de monocultura para suprir a demanda de alimentos destinados para abastecer a pecuária. No entanto, a taxa de conversão alimentar dos animais é baixa. Para compensar esse desequilíbrio são criados tipos de rações, hormônios, melhoramentos genéticos, confinamentos mais adaptados para diminuir a locomoção dos animais e evitar perda de energia, com isso, aumentam-se os prejuízos ao meio ambiente e a saúde de todos.

Juntamente ao fato de que para atingir níveis mais elevados de produção de grãos o uso da mecanização e produtos químicos é cada vez maior. De acordo com Weis (2009) a mecanização agrícola causa diversos problemas, como a degradação do solo, os insumos utilizados causam a contaminação dos recursos hídricos e uso de combustíveis fósseis. Ou seja, todo o processo da produção intensiva de carne, que envolve desde a produção de fertilizantes, maquinários, mineração de matéria-prima para produção de fertilizantes, transporte, aplicação, plantio e colheita de grãos, produção de ração, até o produto, demanda muita energia e gera grande emissão de dióxido de carbono, óxido nitroso e metano.

Ainda de acordo com Weis (2009) Brasil e a China são os países que mais passaram por alterações nas últimas décadas em relação a produção e consumo de carne. Essa mudança no consumo da carne que se deslocou para o centro da produção mundial se refletiu no aumento da produção, em 2009, por exemplo, a média per capita de consumo no planeta era de 42 kg, quase o dobro da média em 1961 que era de 23 kg, assim como a quantidade de ovos que foi

de 5 para 10 kg per capita. Além disso, o aumento da população também contribuiu para essa transformação, passando de três bilhões para sete bilhões nesse período, e os volumes continuam crescendo, ocasionando em mudanças na geografia da carne.

Ainda de acordo com o autor, outro fator também atrelado a esta mudança está no aumento do fluxo de grãos e sementes oleaginosas produzidas para ração animal. As áreas destinadas para cultivo de grãos com a finalidade de produzir ração tem se concentrado principalmente nos cultivos de milho e soja, sendo que de 1961 a 2009 a área destinada para a produção de milho aumentou cinquenta por cento e a área destinada para o cultivo de soja quadruplicou nos últimos anos (WEIS 2013).

3.3 DESENVOLVIMENTO RURAL, AGROECOLOGIA E BEM-ESTAR ANIMAL

Para além dessas discussões que envolvem os conceitos já mencionados, é necessário refletirmos sobre o atual modelo de crescimento e sobre o aumento da produção de animais confinados, e se o aumento da matança desses animais pode ser considerado crescimento. Assim como o aumento do consumo de carne até o nível elevado dos dias atuais. Nesse sentido, emerge cada vez mais a necessidade e a urgência de reflexão e mudança a respeito do modelo de produção vigente, considerando todas as consequências econômicas, sociais, ambientais desencadeadas a partir desse modelo de crescimento.

Refletir sobre essas temáticas é importante para se pensar o desenvolvimento rural sustentável para além da concepção economicista e reconhecer a multidimensionalidade do termo desenvolvimento sustentável, na qual todas as dimensões interferem diretamente no meio rural. Portanto, é preciso pautar as discussões a partir dessas dimensões para tomar decisões e discutir métodos de produção eficientes para as gerações atuais e futuras. E assim, refletirmos sobre como considerar sustentável um modelo de crescimento que não promove a equidade econômica, a valorização cultural e a utilização responsável dos recursos naturais do planeta. De acordo com Gregolin *et al.*, (2020) o termo desenvolvimento sustentável a partir da sua “multidimensionalidade” se refere à dimensão social, cultural, ambiental, econômica, territorial e dimensão política. Desse modo, entende-se que não se deve considerar menos importante a dimensão econômica, porém ela precisa ser pensada, analisada em conjunto com todas as outras.

Gregolin *et al.* (2020) apontam para a criação da agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, em que foram definidos os 17 objetivos do desenvolvimento sustentável,

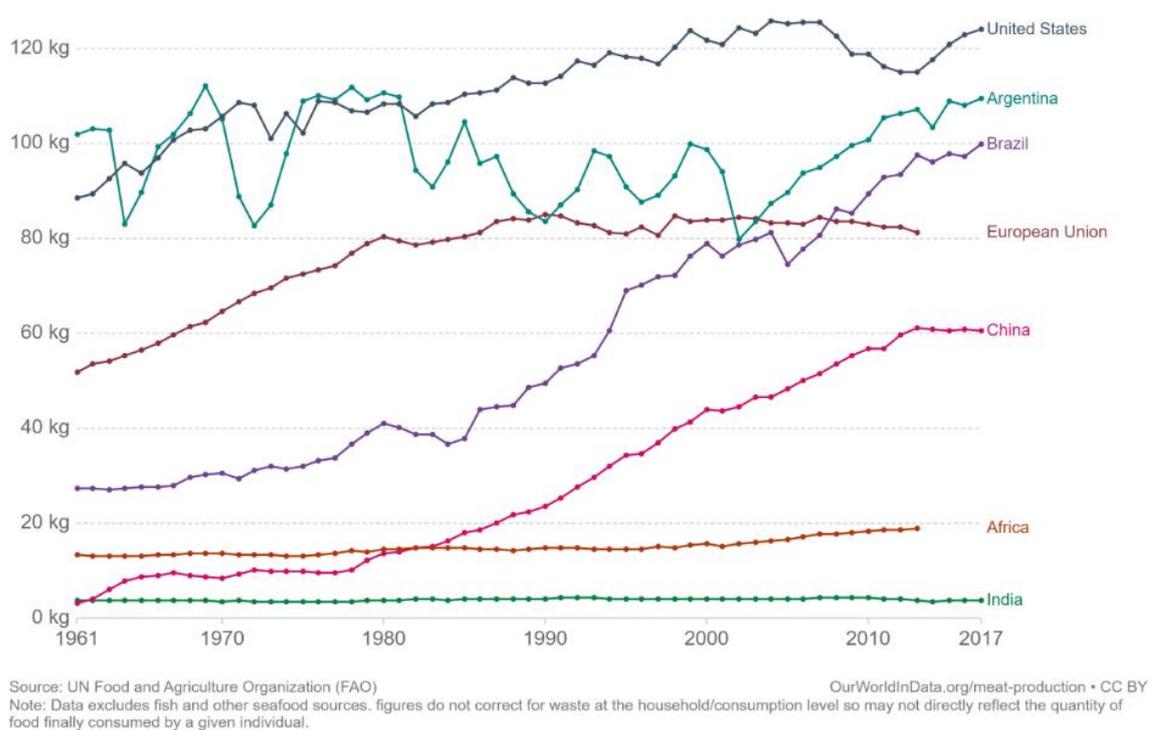
abrangendo 169 metas, no âmbito de 5 áreas descritas como essenciais, e são: parceria, paz, prosperidade, pessoas e planeta e enfatizam a importância de elaborar planos de ações, e a importância de desvencilhar o desenvolvimento somente do aspecto econômico.

Embora o conceito de desenvolvimento não inclua a questão do bem-estar dos direitos dos animais como um dos “Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU”, essa é uma limitação que precisa ser indagada e discutida para que a dimensão dos direitos dos animais também faça parte desse conceito. O debate no que se refere ao desenvolvimento é de extrema importância uma vez que destaca os principais eventos e mudanças relacionadas ao pensamento social e às estratégias desenvolvidas para um modelo de sociedade mais justa, ecologicamente correta e humanitária.

Portanto, faz-se necessária uma maior integração nas discussões que envolvem a agroecologia e a produção da pecuária para assim integrar o desenvolvimento rural sustentável através de abordagens que permitam ultrapassar a atual concepção economicista de desenvolvimento.

Todos esses argumentos reiteram as práticas desumanas presentes no sistema de criação intensivo de animais (confinamento) que além de perpetuar a violência contra os animais ao obrigá-los a viver em espaços apertados e com um tempo de vida curto até o abate nos frigoríficos, apresenta sérios riscos à saúde humana. Embora a violência contra os animais pareça estar diminuindo, a indústria da carne parece aumentar cada vez mais, conforme demonstra o gráfico da Figura 2.

Figura 2 - Gráfico do crescimento de consumo de carne *percapita* entre 1961 à 2017.
 meat supply per person, 1961 to 2017
 Average total meat supply per person measured in kilograms per year.



Fonte: Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (2021).

Contudo, a agroecologia enquanto ciência se contrapõe ao atual contexto de desenvolvimento econômico produtivista fortemente propagado nas últimas décadas. É uma ciência, e enquanto ciência envolve todo o sistema alimentar e se constitui enquanto ecologia dos sistemas alimentares. A partir desse conceito mais amplo sejam consideradas outras dimensões, como política, ecológica e sociocultural, eixos indispensáveis para o entendimento dos processos que definem todo o sistema alimentar, onde discutir a pecuária e o consumo de carne também são partes fundamentais (CARVALHO *et al.*, 2016).

Outra característica da agroecologia enquanto sistema de produção está em seu processo amplo e integrador que ultrapassa os limites dos agroecossistemas e envolve questões econômicas e sociais. A agroecologia enquanto sistema produtivo de base ecológica se fundamenta como ciência e prática “[...] como ciência, baseia-se na *aplicação da Ecologia para o estudo, o desenho e o manejo de agroecossistemas sustentáveis* (ALTIERI, 2012, p. 15 *grifos no original*). Já enquanto prática é o princípio do que hoje chamamos de agricultura sustentável e se fundamenta em um conjunto de conhecimentos e técnicas que se desenvolvem a partir dos agricultores e de seus processos de experimentação” (ALTIERI, 2012, p. 16).

Portanto, a integração entre os saberes históricos dos agricultores com o conhecimento científico torna-se base para compreender o funcionamento dos agroecossistemas de produção

agrícola, e, a partir das especificidades de cada um, criar estratégias que contribuam para níveis satisfatórios de produtividade. Portanto, o objetivo principal é ir além das práticas alternativas, e desenvolver agroecossistemas com a mínima dependência em agroquímicos e agentes externos (ALTIERI, 2012).

Nesse mesmo sentido, Caporal e Costabeber (2009) apontam que a agroecologia busca integrar os conhecimentos adquiridos pela prática dos agricultores com os conhecimentos das várias ciências para estabelecer uma análise crítica do atual modelo de desenvolvimento e, posteriormente, estabelecer novas estratégias para o desenvolvimento rural e maneiras de fazer a agricultura mais sustentável.

Além disso, muito importante também para complementar as discussões e trazer para a centralidade questões sobre a temática alimentar mundial relacionada principalmente à produção e consumo, são os regimes alimentares. Embora o conceito “regime alimentar” tenha sido introduzido em um contexto pós-segunda guerra mundial, este conduziu possibilidades de problematizar representações lineares sobre a modernização agrícola e trouxe para discussão e centralidade o papel dos alimentos na economia política global (MCMICHAEL, 2009).

Esta análise possibilitou compreender as dimensões da crise alimentar e situar o sistema alimentar dentro de um contexto histórico mais amplo, para compreender a divisão existente entre a agroindustrialização e as práticas agroecológicas. A partir da década de 1950 com o advento do segundo regime alimentar forma-se uma nova classe de agricultores dependentes da rede de mercados exportadores, assim como forma-se o estabelecimento de setores agrícolas com intervenções estatais (MCMICHAEL, 2009).

O terceiro regime alimentar emergente que se iniciou no final da década de 1980 buscou incorporar novas regiões às cadeias de proteína animal, China e Brasil, por exemplo. E trouxe características de aprofundamento da tecnificação e a incorporação de novas áreas produtivas. As consequências se refletem no processo de aumento do êxodo rural, conflitos agrários, degradação ambiental, entre outros. Os regimes alimentares apresentaram características que influenciaram o desenvolvimento de países do terceiro mundo, como o Brasil, e contribuíram de forma significativa para reformular as políticas de desenvolvimento agrícola (MCMICHAEL, 2009).

Nesse sentido, compreende-se que os regimes alimentares possuem características que propiciam a acumulação de poder e o domínio das grandes corporações sobre os alimentos, dentre as quais se apresentam uma agricultura especializada, princípios neoliberais, alimentos padronizados, e regulação econômica única. Nesse sistema, basicamente, o que ocorre é a

transformação dos alimentos em mercadorias com valor agregado, totalmente a serviço da acumulação capitalista.

Maluf (2005) aponta que ao longo do tempo foram criadas políticas públicas centradas nas relações dos agricultores com vistas ao mercado, as quais almejavam em um primeiro momento o fortalecimento da agricultura em pequena escala. No entanto, tais políticas públicas com um único objetivo tornaram-se excludentes e influenciam os médios agricultores a adentrar nos mercados agrícolas de commodities.

Maluf (2010) aponta que a agricultura familiar desempenha uma função fundamental no processo de construção do Desenvolvimento Rural Sustentável. Pode se dizer que na primeira década dos anos 2000, o país passou por avanços no DRS, com a criação de redes de políticas públicas locais e nacionais, a exemplo do PRONAF, política voltada para o fortalecimento das áreas rurais (MALUF, 2010).

Nesse sentido, Maluf (2005) discorre sobre a multifuncionalidade que permeia a agricultura familiar, às quais associam-se diretamente às medidas de apoio aos pequenos agricultores. Composta por uma grande diversidade de agricultores familiares heterogêneos que buscam produzir sem competitividade, e consideram as relações existentes entre o meio ambiente, a economia e a sociedade. Esta agricultura multifuncional centra-se no desenvolvimento rural e ultrapassa o caráter meramente econômico característico da agricultura convencional, ao considerar que o agricultor familiar realize outras funções no campo, tais como, preservação do meio ambiente, articulação entre agricultor e sua produção com os aspectos culturais e sociais, manutenção de um modo de vida. A agricultura familiar e o desenvolvimento rural se relacionam diretamente, pois vão ao encontro à diversificação, a nutrição adequada e acesso à alimentação diversa e igualitária, além de impulsionar a economia local (MALUF, 2005).

Atualmente existem muitos movimentos de agricultores, entidades da sociedade civil organizada que se posicionam contra o atual sistema alimentar e reivindicam um sistema agroalimentar que prioriza alternativas sustentáveis, com proteção e respeito aos ecossistemas. Que seja acessível a todos, economicamente justo, viável, adequado, saudável e que otimize os recursos naturais do planeta priorizando o consumo de alimentos e de carne de forma consciente, considerando o bem-estar de todos e buscando alternativas com menor impacto socioambiental.

Percebe-se que para além de discussões que envolvem o sistema de criação animal intensivo (confinamento) e a propagação das doenças, todas as questões relacionadas ao bem-estar animal contribuíram de forma significativa para fortalecer o discurso relacionado à ética

animal. Principalmente em relação às condições às quais os animais são submetidos nesses ambientes, como por exemplo, as situações de estresse, privações de mobilidade, instintos básicos e dor.

O debate sobre o bem-estar animal utiliza como base e suporte de sua discussão o princípio da igualdade entre humanos e animais, e embora se considere as diferenças intelectuais e de comunicação, ainda são consideradas as relações de respeito, onde os direitos devem ser priorizados e devem ser discutidos os interesses de todos com a mesma consideração (SINGER, 2010).

Compreender esta consideração citada e respeitar os direitos dos animais e bem-estar é entender que os animais e os seres humanos são diferentes em nível intelectual, pois possuem livre arbítrio para tomar decisões e dispõe da linguagem para se comunicar, porém são iguais em sentir dor e sofrimento (SINGER, 2010).

Diante disso, perpetuar as experiências realizadas com os animais incentivadas e subsidiadas por instituições governamentais são atitudes contrárias às discussões sobre o bem-estar animal. Compreender estas questões é o primeiro passo para ir ao encontro das atitudes que contemplem o bem-estar dos animais.

Pinker (2013) aponta que ao longo do percurso da história os animais sempre foram alvos de maus tratos, exploração e crueldade, atitudes fundamentadas em um discurso egocêntrico de que são seres sencientes, sem consciência e linguagem.

A partir de meados da década de 1970 inicia-se o Movimento de Libertação Animal⁵ a partir das inquietações em relação às práticas “especistas” as quais os animais são submetidos pelos humanos, atitudes preconceituosas que favorecem a própria espécie em detrimento da outra (SINGER, 2010).

No entanto, esse debate alcançou dimensões éticas somente na década de 1980, em meio às inquietações relacionadas à crueldade com que se conduziam as experiências com animais em laboratórios. Embora, seja inquestionável o avanço proporcionado pela ciência ao utilizar-se dos animais em experimentos científicos, somente a partir desse momento, que o debate sobre a importância em legitimar o bem-estar animal começa a ter visibilidade nas pautas de discussões (PINKER, 2013).

O marco legal desse processo ocorreu através da instituição de um “Comitê Institucional de Uso e Cuidados com Animais”, no qual foram definidas normas quanto ao uso de animais

⁵- O movimento de Libertação Animal é um movimento mundial, político e social que busca o fim da rígida distinção entre animais humanos e não humanos (Singer, 2010).

com a finalidade de pesquisa científica. Na qual foram incluídos cuidados veterinários, alimentação, número de animais em gaiolas e as condições do ambiente. A partir de então, qualquer experiência na qual um animal sentisse dor ou sofrimento deveria ser colocado em uma categoria diferente e ser justificada pelas chances de proporcionar maior benefício à ciência e ao bem-estar humano (PINKER, 2013).

A mudança no tratamento com os animais em laboratório também fez parte de uma revolução por direitos pautados a partir da convicção de que os animais não devem ser sujeitos a dor, sofrimento e a morte sem argumentos plausíveis que justificassem tais ações. Esta revolução nos direitos dos animais também fez parte do declínio da violência, pautado no princípio ético de que não se deve infringir sofrimento a qualquer ser capaz de senti-lo (PINKER, 2013).

Essas mudanças também foram decorrentes de uma mudança comportamental inspirada em sentimentos como empatia e razão, a partir das “Revoluções dos Direitos”, que se iniciou em um contexto de pós-guerra e declaração dos direitos humanos de 1948, ocasionada em repulsa por agressões em escalas menores, como a violência contra minorias étnicas, mulheres, crianças, homossexuais e animais. Embora, questões relacionadas à insensibilidade para com os animais faça parte de um processo histórico da humanidade o qual sempre foi regra, onde matar animais para fins de alimentação seja parte da condição humana (PINKER, 2013).

Como resultados dos hábitos de consumo de carne, os seres humanos tiveram várias alterações físicas, sociais e psicológicas, dentes e aparelho digestivo foram modificados. Além disso, os ácidos graxos e proteínas da carne permitiram a evolução do cérebro humano. Nos séculos anteriores, a caça, o preparo e o consumo da carne tinham uma importância e uma representatividade social, pois os momentos de preparo do animal e de desfrute de sua carne proporcionaram o desenvolvimento de sentimentos como reciprocidade e cooperação. Já os momentos de socialização e interação familiares fortaleceram as relações de convivência (PINKER, 2013).

No entanto, paralelamente a estes acontecimentos sempre estiveram presentes na história situações de maus tratos, exploração e crueldade, por vezes, pautados no discurso egocêntrico de que os animais são seres sencientes, sem linguagem e sem alma. A alma aqui estava relacionada a ter linguagem, e se os animais carecem de linguagem carecem de alma, desse modo, são privados da capacidade de sentir dor. No entanto, do ponto de vista da neurociência moderna esta teoria é infundada (PINKER, 2013).

Contudo este cenário começa a se modificar a partir de 1975, através do processo de mudança comportamental dos seres humanos relacionados principalmente à intolerância a violência contra os animais (PINKER, 2013).

Outros acontecimentos vão fortalecer a revolução pelos Direitos dos Animais e vão ser associados a um considerável aumento no número de vegetarianos. Um deles relacionava o vegetarianismo como algo puro e a prática de consumir carne, como uma coisa desleixada e ruim. Outro argumento que associava à possível compaixão pelos animais estava no discurso de que comer carne engorda, e que as extensas áreas utilizadas para alimentar os animais em lugar de pessoas geraram um enorme desperdício de terra e alimento (PINKER, 2013).

Pinker (2013) afirma que embora sejam muitos os avanços quanto ao bem-estar animal percebem-se que o discurso pautado na revolução dos direitos dos animais se enfraquece quando este é analisado a partir da perspectiva da alimentação. E se fortalece através dos incentivos e estratégias da mídia que atuam fortemente para o aumento do consumo de carnes e derivados. Desse modo, a indústria alimentícia atua incansavelmente em estratégias que influenciam e até distorcem o conceito de vegetarianismo.

Contudo, existe uma enorme quantidade de novos produtos lançados diariamente para veganos e vegetarianos, como a seção de carnes vegetais, por exemplo. Desse modo, embora nos últimos anos tenha sido registrado um aumento significativo no número de vegetarianos, aqueles considerados “puros” ainda somam um pequeno percentual, um fator limitante que está nas práticas atuantes da indústria alimentícia.

Ademais existem outras razões pelas quais as pessoas decidem ser vegetarianos e podem estar ligados a questões como a preocupação com a saúde, o paladar, a religião, e não necessariamente com o sofrimento dos animais. No entanto, ainda é possível lançar mão de estratégias individuais em defesa de uma luta coletiva em favor dos animais. Entre elas pode ser citada a reivindicação de leis que obriguem criadores a tratar os animais com mais humanidade (PINKER, 2013).

Outra forte contribuição que influenciou em debates atuantes em favor das políticas de bem-estar animal, advém da teoria Utilitarista. Esta teoria reconhece o sofrimento animal ao considerar o bem-estar de todos os seres sencientes, ao defender que todos tenham seu bem-estar considerado.

De acordo com Visak (2013) às preocupações com o bem-estar dos animais, abordadas pela teoria Utilitarista resultaram em um engajamento político e social pela criação dos animais de forma amigável, ao defender que os animais merecem nossa consideração moral. Porém, é aceitável a prática de matá-los para que haja a continuação da pecuária e para fins de

alimentação. Tais acontecimentos resultaram em leis e regulamentos que buscam melhorar as condições de vida dos animais.

Além disso, o fato de que algumas pessoas por medo de doenças alimentares comuns presentes no sistema de criação animal, como gripe suína, febre aftosa e gripe aviária, mostraram-se cada vez mais insatisfeitas e indicam que preferem consumir produtos de sistemas de produção animal onde o bem-estar dos animais é considerado (VISAK, 2013).

De acordo com Visak (2013) existem dois grupos de pessoas, aquelas que não apoiam a pecuária amiga dos animais e são incisivos ao considerar a pecuária inaceitável e o grupo que considera a pecuária aceitável, mesmo que os animais tenham vidas ruins. As pessoas que consideram a pecuária aceitável, mesmo que não corroborem com a política de bem-estar animal, justificam suas escolhas desde que a finalidade seja produzir produtos de origem animal e consumo. No entanto, este paradoxo é questionável, pois o ato de matar é considerado correto se a finalidade for à alimentação. Para a teoria utilitarista não é o ato, mas as consequências de cada ação que vão determinar se a ação está correta ou não.

O crescente debate envolvendo o bem-estar dos animais, a preocupação com a saúde e as questões éticas, tem influenciado para um aumento considerável no número de vegetarianos nos últimos anos, a este discurso também está atrelada a possível compaixão pelos animais. (LEITZMANN, 2014; PINKER, 2013)

De acordo com Leitzmann (2014) a nutrição vegetariana no Ocidente remonta ao século VI (A.C), onde o consumo de vegetais era vinculado a questões religiosas e espirituais, praticadas inicialmente por seguidores dos mistérios “Órficos” grupo que proibia o sacrifício de animais e o consumo de carne. Concomitante a este período, o filósofo e matemático Pitágoras, considerado o pai do vegetarianismo, exerceu um papel fundamental ao expor suas ideias sobre a reencarnação. Seus pensamentos materializados em seu modo de vida influenciaram a nutrição da Europa até o século XIX.

Embora o ser humano seja naturalmente onívoro, os vegetais sempre foram à fonte alimentar mais importante para a espécie humana. Este fato ocorre pela disponibilidade e abundância de vegetais, a caça por ser perigosa era realizada esporadicamente. Porém, muito provavelmente o consumo de alimentos de origem animal, como pequenos animais, ovos e peixes tenham sido fundamentais para o desenvolvimento do cérebro humano (LEITZMANN, 2014).

Nas últimas décadas tem ocorrido uma mudança de paradigma relacionada à alimentação baseada em plantas, que se desdobrou em fases da nutrição vegetariana. A primeira fase ocorreu entre as décadas de 1960/1970. Nesse período, acreditava-se que uma população

que seguia uma dieta vegetal poderia apresentar um risco de desenvolver deficiência nutricional. Já nas décadas de 1980/90, os benefícios da dieta vegetariana estavam associados à redução de riscos de doenças crônicas e degenerativas (LEITZMANN, 2014).

No entanto, a terceira fase se caracteriza pela emergência de um novo paradigma e representa o entendimento atual, no qual existe um aumento no número de vegetarianos e veganos, e estão relacionados diretamente a fatores éticos, ambientais e sociais.

Embora os vegetarianos ainda sejam minoria em todos os países, com exceção da Índia, o número de vegetarianos cresce cada vez mais. O futuro da nutrição vegetariana é promissor tendo em vista que são inúmeros os efeitos positivos deste estilo de vida. As razões são éticas, morais, religiosas e espirituais, ecológicas, econômicas, políticas, razões de saúde e higiene, de sustentabilidade e paz. Tais razões estão aliadas ao crescente número de escândalos alimentares vinculados aos alimentos de origem animal (LEITZMANN, 2014).

Atualmente, as razões em se apoiar a prática da nutrição vegetariana continuam as mesmas. Os antigos gregos acreditavam que os animais eram parentes dos humanos e que eram capazes de se comunicar e pensar. Nesse sentido, o bem-estar dos animais ensinava os humanos o humanitarismo, e os seres humanos eram responsáveis pelos animais. No entanto, embora existam avanços quanto às práticas voltadas ao bem-estar animal, percebe-se que o discurso pautado na revolução dos direitos dos animais se enfraquece quando este é analisado a partir da perspectiva da alimentação (LEITZMANN, 2014).

A próxima sessão tratou das

3.4 IMIGRAÇÃO EUROPÉIA E OS CRIADORES DE SUÍNOS NO OESTE DO PARANÁ

Os imigrantes foram atores importantes na história do país, desde o período da colonização, em 1808 com a vinda da Família Real para o Brasil, D. João VI defendeu a vinda dos imigrantes para o Brasil, incentivando a chamada “imigração colonizadora”. Essa articulação buscava incorporar imigrantes em novos espaços territoriais a partir da inserção deles em pequenas propriedades agrícolas, para alcançar a ocupação e defesa dos territórios. Além do interesse em produzir alimentos para abastecer o país, estava também o de “branquear” a população brasileira ao substituir o povo escravo pelos imigrantes (RADIN, 2015).

De acordo com Radin (2015) com o objetivo de expandir a colonização pelo país em meados do século XIX o governo brasileiro realizou a concessão de terras públicas para as

províncias, política esta que foi beneficiada pela “Lei de Terras de 1850” e buscava regulamentar a propriedade da terra e destinar áreas para colonização.

Miralha (2006) afirma que a "Lei de Terras" ou Lei 601/1850 também teve por objetivo regulamentar a questão da terra e garantir que o único meio para a aquisição fosse através da compra, extinguindo, assim, o regime de posses. Porém, o aumento dos preços das terras dificultou a compra pelos trabalhadores que não possuíam dinheiro suficiente para adquiri-las. Nesse sentido o autor destaca que:

a Lei de Terras de 1850 foi uma solução encontrada pela elite brasileira para manter inalterada a estrutura agrária, impedindo o acesso livre a terra por parte da população pobre que era maioria, e conseguir trabalhadores livres para as lavouras de café, pois o Estado brasileiro já estava planejando a imigração de europeus, para substituir o trabalho escravo que estava prestes a ser abolido. Dessa maneira, se os imigrantes chegassem no Brasil e o acesso à terra fosse livre, como no regime de sesmarias (livre para os “puros”), eles obviamente iam preferir ter sua própria terra ao invés de trabalhar nas lavouras de café (MIRALHA, 2006, p. 153).

Ainda de acordo com Radin (2015), na segunda metade do século XIX a partir da independência, o sul do Brasil recebeu um número muito expressivo de imigrantes europeus. Os quais incluíram italianos, alemães e poloneses e tinham como objetivo ocupar espaços considerados demograficamente vazios e desenvolver a agricultura do país. Desse modo, os primeiros imigrantes a chegarem ao sul foram os alemães carregando o sonho de encontrar em uma nova terra um lugar de refúgio para amenizar as dificuldades enfrentadas em seu país de origem.

Entre os anos de 1875 e 1914, o Brasil recebeu uma quantidade muito expressiva de imigrantes italianos com a entrada de aproximadamente 1,5 milhão no país. Inicialmente estes imigrantes se dirigiram para as colônias do sul, porém, em razão do grande aumento do ingresso de imigrantes no estado, o governo gaúcho foi obrigado a reduzir benefícios que eram destinados para as áreas das colônias. Devido às dificuldades os imigrantes italianos das chamadas “colônias velhas” como ficaram conhecidas, foram obrigados a partir para outras regiões do estado gaúcho, oeste catarinense e sudoeste do Paraná. Os poloneses também foram atores no processo de colonização, estima-se que entre 1869 e 1970 ocorreu o ingresso de aproximadamente 130.000 imigrantes principalmente no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina (RADIN, 2015).

Corazza (2015) afirma que ainda no início do século XIX a região do Oeste do Paraná foi colonizada por descendentes de imigrantes alemães. De acordo com Priori *et al.*, (2012) no início do século XX o estado sofre um aumento demográfico muito significativo que pode ser

explicado pela entrada de mais de 100 mil imigrantes estrangeiros no Paraná, além do deslocamento de pessoas que chegavam de outras regiões como Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Priori *et al.*, (2012) reitera que o processo de ocupação da região do Oeste do Paraná das quais compõem as microrregiões de Toledo, Foz do Iguaçu e Cascavel, ocorreu tardiamente. Pode-se dizer que o mesmo aconteceu por etapas, inicialmente a região foi ocupada por grupos indígenas, Xetá, Kaingang e Guarani. Em seguida sofreu uma forte influência de padres jesuítas e espanhóis que participavam de missões pelo território. E no período que compreende os anos de 1881 a 1930, o principal foco da região era a extração de madeira e erva-mate. A última etapa de colonização ficou conhecida pela atuação de empresas colonizadoras que buscavam efetuar uma colonização moderna no estado.

A partir da década de 1930, através de uma forte campanha de governo do presidente Getúlio Vargas, os movimentos migratórios para áreas do interior do país foram incentivados com intuito de povoar áreas de vasto “vazio demográfico”, este movimento ficou conhecido como “marcha pra oeste”.

Ainda de acordo com Corazza (2015) por meados da década de 1950 o Oeste paranaense recebe agricultores descendentes de alemães, italianos e gaúchos, e já dispunham de alguma experiência no manejo da terra. Estes agricultores formaram uma economia composta por pequenas propriedades de agricultura familiar de subsistência através do policultivo de produtos básicos como arroz, feijão, milho e através da criação de animais, centrada principalmente na suinocultura e seus derivados, e efetivos na comercialização do excedente produtivo.

Priori *et al.*, (2012) afirma que a última etapa de colonização do Oeste do Paraná foi marcada pela forte influência de empresas colonizadoras que buscavam efetuar uma colonização moderna no estado. Este período de colonização foi marcado por grandes conflitos de disputa pela terra entre posseiros e tais empresas, dentre as empresas privadas uma que se destacou foi a empresa Maripá, que fixou sede em Toledo. O que desperta curiosidade aqui, é que a maioria dos lotes vendidos pela empresa Maripá eram destinados para os imigrantes gaúchos e catarinenses com descendência alemã ou italiana.

Em meados dos anos 1960, buscando integrar-se a economia nacional que nesse período voltava-se fortemente para a industrialização e desenvolvimento econômico do país, por meio da inserção de máquinas e equipamentos agrícolas, é que inicia no Oeste paranaense o processo de inserção de novas culturas agrícolas, como a soja (CORAZZA, 2015).

Na década de 1970 agricultores advindos do Rio Grande do Sul trouxeram uma importante experiência no manejo de outras culturas agrícolas, e principalmente no cultivo da

soja, fator este preponderante para que o cultivo se tornasse central na região. Além disso, outros fatores contribuíram consideravelmente para a expansão dessa cultura, como o clima e a fertilidade do solo, a topografia plana de boa parte da região que favoreceu a expansão da soja e a mecanização do cultivo. Por consequência, alavancou a indústria da ração animal, a expansão da produção e uso dos óleos vegetais, farelos e outros derivados (CORAZZA, 2015).

Desse modo, compreende-se que as granjas industriais de suínos se concentraram no Oeste do estado do Paraná devido a um conjunto de fatores, dentre eles, porque o Oeste do Paraná foi uma importante região colonizada por descendentes de imigrantes alemães, italianos e gaúchos com experiência em soja. Além da rápida industrialização e os investimentos em infraestrutura subsidiados pelo sistema nacional de crédito rural, instalações de agroindústrias e cooperativas especializadas no abate, e instalações de frigoríficos. O Oeste também foi palco de grandes investimentos governamentais como a construção de rodovias asfaltadas, ampla abertura de crédito agrícola com o intuito de fomentar o desenvolvimento econômico em regiões promissoras (CARVALHO, PROVIN e VALENTINI, 2016).

A partir do exposto no próximo capítulo será descrito com detalhes a análise e interpretação das reportagens localizadas nesta pesquisa, as quais foram fundamentais por apresentar um caráter técnico, político e econômico sobre as discussões que envolvem as transformações que ocorreram na suinocultura a partir da criação industrial de suínos no Oeste do Paraná.

4 CAPÍTULO II

4.1 SUINOCULTURA NO PARANÁ NA DÉCADA DE 1970

Este capítulo busca a partir da análise e interpretação de fontes jornalísticas contidas no Jornal: Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR) 1955-1983, disponíveis no site da Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Digital Brasileira⁶, e a partir das considerações de alguns autores, realizar uma leitura desse importante processo histórico, com objetivo de compreender como ocorreu o processo de criação industrial de suínos no Oeste do Paraná na década de (1970-1980).

Desse modo, através de pesquisas realizadas na Hemeroteca Digital do site da Biblioteca Nacional, na década (1970-1980) no Brasil, foi possível estabelecer um panorama geral sobre a temática que envolveu as discussões relacionadas à suinocultura para formar um embasamento teórico de como foi construída a atual paisagem com elevadas concentrações de animais confinados.

Muitas das fontes da mesma época citavam matérias, propagandas de congressos, normativas e atos políticos relacionados ao tema, visto que assuntos envoltos a suinocultura de maneira geral apresentavam grande repercussão entre os meios de comunicação da época. A suinocultura desenvolvida no Estado do Paraná era uma atividade de grande importância econômica e social para a região. As reportagens enfatizavam contundentemente as dificuldades econômicas enfrentadas pelos criadores de suínos, assim como o descaso e falta de apoio das autoridades governamentais aos pequenos criadores.

Com o fenômeno da industrialização no Brasil que se inicia com a instalação da República, busca-se ampliar a produção de bens destinados à exportação, este movimento se acelerou na década de 1930 com o governo de Getúlio Vargas no período desenvolvimentista. No entanto, a partir da década de 1970, com os militares no poder desde o golpe civil-militar de 1964, em razão da modernização da agricultura, tem-se o aumento do fluxo migratório da população rural em direção aos centros urbanos. Assim, o governo brasileiro buscou incorporar uma política de modernização conservadora com o objetivo de consolidar o setor industrial e o abastecimento interno, mantendo a estabilidade dos preços (VIANA, 2004).

⁶Hemeroteca Digital **BIBLIOTECANACIONAL**. Disponível em: <https://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12/03/2022.

O processo de produção de animais no sistema de granjas industriais em confinamento inicia-se no período da modernização agrícola do estado, conhecido como período desenvolvimentista. Até 1970 foi marcado por grandes transformações na economia do país, com fortes investimentos estatais, inserção de incentivos econômicos e fiscais e a abertura de créditos rurais com o objetivo de ampliar os cultivos das lavouras, principalmente para aumentar as produções de milho e soja (DELGADO, 2012).

O período de modernização conservadora faz parte de um projeto de economia política com vistas ao desenvolvimento econômico do país, porém contribuiu para inserir uma modernização agrícola no Brasil que não alterou a estrutura agrícola de poder no campo. No entanto, priorizou-se uma modernização que privilegiou investimentos em grandes empreendimentos em detrimento da agricultura familiar e de subsistência (DELGADO, 2012).

A modernização da suinocultura no Paraná ocorre em paralelo a modernização da agricultura, a partir da disseminação dos pacotes tecnológicos amplamente propagandeados e difundidos pela Revolução Verde no início da década de 1960 (PERTILE, 2008). Com a modernização da agricultura, além da ampla mecanização agrícola, introdução de insumos, sementes certificadas e agrotóxicos químicos, houve também o aumento e o barateamento da produção de cereais, contribuindo para que nas últimas décadas o Paraná se destacou mundialmente como uma importante região produtora de animais em regime intensivo de confinamento (CARVALHO *et al.*, 2020).

O Estado do Paraná é uma das regiões do Brasil que se destaca em âmbito mundial pelo crescimento do modelo de criação intensivo (confinamento) de animais, principalmente da produção de frango e suínos, e pela ampla produção de alimentos de origem animal. Tais mudanças se iniciam ainda na década de 1960 e se destacam pela forte atuação de grandes empresas alimentícias mundialmente conhecidas, como a Sadia (CARVALHO, PROVIN e VALENTINI, 2016).

O processo de modernização da suinocultura consistiu na passagem do modelo tradicional de criação animal, que ficou conhecido como período das safras de porcos, para um modelo de produção intensivo realizado em sistema de confinamento. No sistema de criação tradicional, os animais são mantidos em espaços amplos ou até mesmo soltos, alimentam-se dos plantios de roças de milho, sobras de alimentos ou através das famosas “lavagens de porcos”, restos de alimentos preparados nas propriedades destinadas à alimentação dos animais (BACH, 2009).

No sistema de criação intensivo as técnicas consistem em manter os animais em locais com pouco ou nenhum movimento, limitá-los de seus instintos básicos, e alimentá-los

basicamente por ração derivada da produção de grãos. Portanto, as transformações ligadas à modernização da suinocultura estão diretamente relacionadas ao sofrimento animal e às alterações na qualidade de vida, tendo em vista que modificou toda a dinâmica natural de vida dos animais (CARVALHO, PROVIN e VALENTINI, 2016).

De acordo com dados contidos no Atlas da Carne (2016), ao longo do seu curto tempo de vida, os animais são privados de seus instintos básicos e permanecem em ambientes com quase nenhuma mobilidade. Alimentam-se principalmente de ração à base de soja e milho, e recebem antibióticos para evitar a proliferação de doenças e patógenos que se espalham facilmente nesses ambientes.

A modernização da agricultura teve como um de seus objetivos aumentar a produção de alimentos através dos cultivos das lavouras de cereais, como trigo, milho, arroz e soja para atender o aumento da demanda populacional. Todavia, no processo de modernização da pecuária existe uma contradição, à medida que esse sistema consome mais alimentos do que produz, havendo um desperdício de alimentos induzido pelas oportunidades econômicas (STEINFELD et al, 2006). Quando utilizados para alimentar a pecuária industrial a maior parte dos cereais é desperdiçada, ou seja, se perde no metabolismo do animal, e não se transforma em carne como sugerido, mas em esterco e urina, e dissipação de energia em forma de calor. Essa relação conhecida como conversão alimentar faz com que seja necessário que o animal receba uma grande quantidade de cereais para produzir uma quantidade limitada de carne (CARVALHO, PROVIN e VALENTINI, 2016).

Carvalho *et al.*, (2020) afirma que com o objetivo de desenvolver uma suinocultura moderna no estado do Paraná, foram necessários grandes investimentos governamentais em infraestrutura tais como: asfaltamento de rodovias, instalação de frigoríficos e subsídios governamentais, além disso, instalações de órgãos de extensão rural, abertura de crédito agrícola entre outros.

Estas mudanças ocorreram de forma gradual, conforme pode ser verificado em uma reportagem de agosto de 1970⁷, a qual informa que inicia no Paraná o processo de ampliação de Crédito Rural Educativo. Cinco bancos estavam operando através de convênios com o Serviço de Extensão Rural (ACARPA), os financiamentos disponibilizados seriam destinados para os proprietários investirem em melhorias em seus estabelecimentos com objetivo de

⁷BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. AMPLIAÇÃO de Crédito Rural Educativo no Paraná. **Jornal Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**, 30/08/1970, p.04, Caderno 2. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (Ocorrência 57/350) na Hemeroteca Digital. Acesso em: 12/03/2022.

ampliar a mecanização agrícola em suas propriedades. Entre os municípios beneficiados com os financiamentos estavam Guarapuava, Palotina, Marechal Cândido Rondon, e Toledo. O banco responsável por financiar até 84% do valor total dos financiamentos era o Banco Regional de Desenvolvimento do extremo sul (BRDE) o restante do valor do financiamento seria fornecido pelo Banco do Brasil do Paraná, Mercantil e Industrial do Paraná. O processo de modernização da agricultura foi estimulado por empréstimos bancários, assistência técnica e pesquisa agrícola através da instalação de órgãos estatais como a ACARPA e a EMBRAPA 4 (KLEIN e LUNA, 2020).

No caso da suinocultura, entre as características mais marcantes do processo de modernização foram as modificações ocorridas no corpo dos animais, através da transição do chamado porco tipo banha para o porco tipo carne. Este processo envolveu investimentos para a importação de raças de suínos estrangeiras, com menos gordura no corpo e mais carne (CARVALHO, 2020).

Outro fato atrelado a modernização foi a introdução das fábricas de óleos vegetais, incluindo o marketing negativo em relação a banha de porco e a diminuição da demanda pela banha do animal, utilizada no preparo dos alimentos, alterando a demanda dos frigoríficos pelo porco tipo banha. Além disso, através da introdução da ração balanceada e a engorda mais rápida dos animais foi possível abreviar o período de vida do suíno pela metade (CARVALHO, 2020).

Entre as principais mudanças estavam o aumento dos investimentos estatais para a produção de insumos destinados ao crescimento dos animais, como a produção da ração animal a um baixo custo. Através de uma recente cultura agrícola introduzida no estado do Paraná, a soja. A produção das rações tinha por objetivo abastecer as granjas industriais, já as transformações das práticas de criação tinham como único objetivo aumentar a produção e a produtividade desses animais (CARVALHO, PROVIN e VALENTINI, 2016) Por conter um elevado teor de proteínas, a soja passou a ser alvo da indústria de rações, a quem interessava comercializar o óleo como alimento humano, já que este não era utilizado na fabricação da ração.

Ainda de acordo com Carvalho *et al.*, (2016) outro fator resultante do processo de modernização foi o crescimento da produção de cereais, principalmente, porque a soja passou a fazer parte da alimentação dos humanos. Desse modo, a indústria passa a incentivar massivamente o consumo de óleo vegetal e derivado como a margarina na alimentação humana, contribuindo para o aumento de doenças e problemas de saúde. Contudo, o aumento da produção de soja impulsionou o surgimento da indústria de rações para animais, a soja por

conter um elevado teor de proteínas passou a ser dinamizada dentro da produção intensiva de animais.

Em meados da década de 1950, o modelo de confinamento total é introduzido na pecuária intensiva, a partir de então os animais passam toda a sua vida em espaços mínimos, privados de seus instintos e movimentos básicos. Este período também marca a introdução e o uso de antibióticos na pecuária (CARVALHO *et al.*, 2016).

Conforme uma reportagem datando de abril de 1973⁸, ao apontar que investimentos estavam sendo realizados pelo grupo Pfizer. O grupo se preparava para apresentar ao mercado novos produtos destinados à suinocultura, utilizados como aditivo nas rações e como promotores de crescimento. Um dos produtos a ser brevemente lançado no mercado, um aditivo utilizado para prevenir doenças infecciosas do aparelho digestivo dos animais e para auxiliar no crescimento e ganho de peso em um menor tempo. O outro produto que seria lançado no mercado brasileiro teria por objetivo prevenir e curar doenças em suínos e seria utilizado como promotor de crescimento, conhecido como *Tylan Premix*, um antibiótico a base de *Tilosina*, que adicionado às rações dos animais poderia prevenir e curar doenças respiratórias e diarreias em aves e em suínos.

A partir do exposto, na próxima seção tratamos sobre as doenças que acometeram os animais durante a década mencionada. Inicialmente, na etapa da leitura “flutuante” a partir do contato com a fonte selecionada, foi possível identificar temas emergentes ao redor do assunto geral, dentre as quais estavam as doenças que acometiam os animais. Devido à relevância das reportagens considerou-se passíveis de análise e foram incluídas nesse trabalho, porém, não estavam inicialmente pré-determinadas na elaboração das perguntas norteadoras.

4.2 DOENÇAS RELACIONADAS AOS SUÍNOS E DIFICULDADES ECONÔMICAS DOS CRIADORES

Doenças como a Peste Suína (PSC), Peste Suína Africana (PSA), Cisticercose, febre aftosa preocupavam os órgãos governamentais e a população da época, pois afetavam diretamente a economia de toda a região. Além disso, possíveis boatos e a disseminação dessas

⁸BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. NOVOS produtos para suínos adquirir (peso em menos tempo). **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 01/04/1973, Seção Geral, Ed.532, p.16. Disponível em: [https://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência 347/815\)](https://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência%20347/815)). Acesso em: 12/03/2022.

doenças entre os animais resultaram na diminuição do consumo da carne e derivados, ocasionando em instabilidade para a economia em todo o Estado, conforme exposto nas reportagens que seguirão neste subcapítulo.

Algumas reportagens pesquisadas no site da Hemeroteca Digital do site da Biblioteca Nacional na década de 1970 abrangiam o assunto “peste”. Desse modo, verificou-se nessa etapa, uma prevalência de notícias sobre algumas doenças, por esse motivo, dedicaremos um subcapítulo deste trabalho para discuti-las. A seguir analisaremos a lógica das narrativas dispostas nas reportagens do jornal abordadas implícita e explicitamente no decorrer dos textos para compreender os acontecimentos daquele período.

A suinocultura paranaense passou por profundas transformações principalmente a partir de 1970, período que marcou o início da passagem de um sistema de criação tradicional para um sistema com adoção gradativa de técnicas modernas. Neste período de transição, os criadores de porcos ou suínos passam a ser conhecidos como suinocultores. Este momento pode ser considerado um divisor de águas para os criadores de suínos, que além de enfrentarem sucessivas crises durante a década mencionada, presenciaram a instalação de frigoríficos e grandes investimentos estatais e privados que assinalaram para uma completa mudança na criação de suínos.

Uma das doenças, a peste suína (PS)⁹ ou peste suína clássica foi considerada grave e representou uma grande ameaça para a produção de suínos do Estado, trazendo graves consequências econômicas e sociais para uma classe trabalhadora que se via desassistida dos órgãos governamentais. A PS apresentava características de alta contagiosidade, descrita como devastadora, aniquilou rebanhos inteiros, espalhando-se através do contato pelo sangue ou pela urina do animal.

Conforme aponta uma das reportagens do Jornal Diário do Estado do Paraná: Órgão dos Diários Associados de 1970¹⁰. Em meados da década de 70 o rebanho suíno do Paraná encontrava-se entre os maiores do Brasil, no auge do seu desenvolvimento econômico, a criação de suínos era uma das principais atividades desenvolvidas no estado do Paraná. Desse modo, a solução encontrada para conter a proliferação da doença, estava em manter as medidas

⁹BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. PESTE Suína Ameaça Oeste Paranaense. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 31/05/1970, Seção Geral, Ed.04461, p.14, Caderno 2. Disponível em: [https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência283/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência283/815)). Acesso em: 12/03/2022.

¹⁰BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. PESTE Suína Ameaça Oeste Paranaense. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 31/05/1970, Seção Geral, Ed.04461, p.14, Caderno2. Disponível em: [https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência283/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência283/815)). Acesso em: 12/03/2022.

preventivas já adotadas anteriormente em decorrência de antigos surtos de gripe, através da imunização dos animais com a aplicação de vacina.

De acordo com Viana (2004) os primeiros relatos da peste suína clássica (PSC) surgem no Brasil em 1896 no estado de São Paulo, desde então a doença provocou surtos de maior e menor intensidade. No entanto, em 1946 foram registrados surtos graves nos estados de Minas Gerais, São Paulo e no Paraná. Após esse surto considerado devastador, houve a preocupação em desenvolver a “Vacina Cristal Violeta”¹¹, a qual demandou uma grande mobilização do Governo Federal com disponibilização de recursos, permitindo rapidamente a intensificação na produção das vacinas com intuito de conter a proliferação da doença.

Nesse período, as criações de suínos eram realizadas através do sistema tradicional, todavia percebe-se que existia uma ausência de interesse do Estado em relação a essa atividade, pois a doença seria facilmente controlada com a aplicação da vacina regularmente nos animais. No entanto, a fabricação da vacina “Cristal Violeta” era realizada em quantidade limitada, sendo incapaz de proporcionar a cobertura vacinal de todo o rebanho do Estado. Desse modo, o aparecimento de novos focos da doença estava diretamente condicionado à acessibilidade dos produtores à vacina (VIANA, 2004).

Viana (2004) aponta que os surtos de PS poderiam ser facilmente controlados com a aplicação da vacina Cristal Violeta, porém não existia um programa de saúde específico destinado para atender a demanda da criação de suínos. Por essa razão, o setor privado não tinha motivação para produzir vacinas em quantidades suficientes para atender todo o rebanho do Estado. Portanto, a baixa cobertura vacinal contra a PSC seria o fator explicativo para a proliferação da doença, sendo que os maiores números de casos registrados foram nas regiões do Sul e Sudeste entre 1975 à 1984.

Ao analisar o texto nota-se que a reportagem além de apresentar caráter informativo pretendia também conscientizar e alertar os criadores de suínos sobre a importância da imunização dos animais. Porém, atribuía-se toda a responsabilidade e a falta de comprometimento pela não vacinação somente aos criadores de suínos. O texto informava que as medidas necessárias para proteger os rebanhos seriam de total responsabilidade dos suinocultores, eximindo qualquer culpabilidade do governo ou descaso com essa atividade considerada tão importante para a região. Cabe destacar que a fonte aqui pesquisada manteve

¹¹BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. PESTE Suína Ameaça Oeste Paranaense. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 31/05/1970, Seção Geral, Ed.04461, p.14, Caderno 2. Disponível em: [https://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência 283/815\)](https://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência%20283/815)). Acesso em: 12/03/2022.

um posicionamento de apoio a política de direita e a ditadura militar. Outro ponto é que a reportagem não faz qualquer menção sobre a falta das vacinas para imunizar os rebanhos ou mesmo sobre alguma iniciativa adotada pelas autoridades federais ou municipais com o intuito de prevenir ou evitar a proliferação da doença.

Para além da intencionalidade da reportagem, outro ponto que chama a atenção é o público para quem está sendo direcionada a mensagem. Embora o jornal *Diário do Paraná*, com sede na Capital Curitiba, apresentasse amplo alcance em todo o Estado do Paraná. A reportagem adverte os suinocultores paranaenses, em específico dos municípios de Toledo, Palotina, Marechal Cândido Rondon, sobre o surto de peste suína que vinham sendo identificados em todo o Oeste paranaense causando prejuízos econômicos para toda a região.

Conforme mencionado na década de 1970¹² os municípios de Toledo, Palotina e Marechal Cândido Rondon se destacavam porque eram responsáveis pela produção de cerca de 3% de todo o rebanho suíno do Brasil. E em Toledo-PR, localizava-se um dos maiores e mais importantes frigoríficos do país, além disso, o município era um importante produtor de soja e milho do estado do Paraná.

Ainda em 1970¹³ outra reportagem faz um alerta sobre a relação existente entre a gripe humana e os animais, após constatar-se que os animais estavam transmitindo gripe ao homem através do contato. A gripe, foi caracterizada como uma doença humana que infeccionava o sistema respiratório apresentando como agente causador o vírus da gripe.

De acordo com uma pesquisa realizada por especialistas do Centro Mundial da Gripe e do Instituto Nacional de Pesquisa Médica de Londres, um aspecto muito importante envolvendo estudos sobre a relação entre os vírus gripais humanos e os animais, estava em compreender os acontecimentos que levaram ao aparecimento de novas epidemias de gripe. Após testes realizados em laboratórios comprovou-se uma estreita relação entre os vírus da gripe humana e animal, pois os vírus foram capazes de agir geneticamente formando vírus híbridos. Desse modo, a conclusão dos estudos sorológicos e antígenos realizados na época supunham que o contato entre homens e animais poderia promover o intercâmbio entre diferentes vírus de gripe

¹²BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. PROJETO Final da Rodovia Cascavel-Toledo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 28/11/1971. Seção Geral, Ed.4917, p.12, Caderno 1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 62/350). Acesso em: 12/03/2022.

¹³BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. ANIMAIS transmitem Gripe ao Homem. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 20/12/ 1970. Seção Informe Científico. Ed.4633(1), p.24. Disponível: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência294/815). Acesso em: 12/03/2022.

e que novos antígenos poderiam surgir na natureza, como resultado da ação genética entre os vírus da gripe humana e os animais.

Logo em 1976,¹⁴ outra reportagem aponta para um surto de gripe suína em todo o país. A doença que outrora prejudicava a saúde dos suínos estava afetando também os seres humanos. A doença representava uma ameaça para todos, e embora a reportagem não trouxesse explicitamente detalhes sobre a gravidade, o vírus foi comparado ao que em 1916 causou a catastrófica gripe espanhola. Por esse motivo, as autoridades rapidamente se mobilizaram para intensificar a fabricação das vacinas e imunizar a população antes que a doença atingisse o território brasileiro. A imunização aconteceria de forma gradativa, os primeiros a serem vacinados seriam os residentes em cidades que possuíam portos e aeroportos internacionais por apresentar maiores riscos de contágio.

Em meio a surtos de peste suína, outro grave problema que ameaçava a saúde da população eram as doenças que adoeciam os animais e que também eram transmitidas aos seres humanos por meio do consumo da carne. A reportagem de junho de 1976¹⁵ se destaca, por trazer imagens sobre os estabelecimentos de abate e da inspeção higiênica e sanitária. O objetivo da reportagem era informar aos leitores sobre os perigos em consumir carne sem a devida inspeção sanitária. Após um levantamento realizado pelo Departamento Nacional de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA), constatou-se que a carne que estava sendo comercializada apresentava um elevado número de doenças, e entre as mais preocupantes estavam a cisticercose. Os perigos em consumir carne suína eram ainda mais evidentes, pois em 1973 das 803.282 carcaças abatidas, aproximadamente 25.341, eram portadoras de moléstias, como cisticercose, demonstrando o alto grau de transmissão da doença.

Para evitar a comercialização e o consumo da carne portadora de moléstia, o (DIPOA) realizava a fiscalização dos estabelecimentos e a inspeção higiênica, sanitária e tecnológica dos produtos de origem animal. No entanto, essas medidas não eram suficientes, pois os estabelecimentos não qualificados realizavam o abate ilegal e a comercialização de animais doentes.

¹⁴BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. GRIPE, Suína. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 08/04/1976. Seção Geral, Ed.6244, p.2. Disponível em:[https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência 471/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência%20471/815)). Acesso em: 12/03/2022.

¹⁵BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. CARNE, os Perigos no Consumo: **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 29/06/1976. Seção Geral, Ed.6314-2, p.20. Disponível em:[https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência 525/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência%20525/815)). Acesso em: 12/03/2022.

Além da cisticercose, existiam outras doenças afetavam a saúde daqueles que consumiram a carne contaminada. A solução mais assertiva na época estava em prevenir a população e fiscalizar os estabelecimentos de abate. Os animais tinham as carcaças e vísceras examinadas antes e depois do abate e os técnicos acompanham a manipulação da carne antes de ser comercializada.

Outra grave doença que assolou por muito tempo os rebanhos suínos do Estado do Paraná foi a Peste Suína Africana. De acordo com Viana (2004) a PSA chegou ao Brasil em maio de 1978 trazendo consequências drásticas para todo o Estado. De imediato o Estado foi obrigado a sacrificar mais de 66 mil animais, além de proibir o consumo da carne e derivados. A comercialização da carne e a exportação de grãos também foram afetadas, principalmente a soja. Após a entrada da PSA no Brasil, o Ministério da Agricultura com o objetivo de implantar normas rígidas de fiscalização e controle dos terminais aéreos e portuários, propôs a estruturação de um programa, juntamente com a assessoria um grupo denominado GEDE (Grupo de Erradicação de Doenças Exóticas e Emergenciais).

Em outra reportagem de 1978¹⁶ os leitores são informados que a peste suína africana, doença que se originou no continente africano havia se espalhado por vários países. Focos da doença haviam sido constatados em Portugal, Espanha e no Brasil. A PSA causava grande preocupação para os criadores paranaenses, com características de alta contagiosidade, se atingisse o Paraná colocaria em risco cerca de quatro milhões de animais.

No Brasil, o primeiro caso da PSA aconteceu em uma propriedade rural localizada no município de Paracambi, no Rio de Janeiro (RJ), o alto contágio da PSA preocupava a população e as entidades governamentais. A PSA apresentava características de maior gravidade que a peste suína clássica, pois o período de incubação do vírus era mais rápido, oscilando entre cinco e vinte e quatro horas, provocando a morte súbita dos animais, muitas vezes, sem apresentar sintomas. Aqueles que apresentavam sintomas dispunham de alta temperatura do organismo, tristeza, falta de apetite, em seguida o animal contaminado permanecia deitado de costas com as mucosas congestionadas e inflamação nos olhos. A doença era de tamanha gravidade que os especialistas observaram que as moscas que tiveram contato com as carcaças ou cadáveres de animais infectados, também poderiam transmitir a doença.

¹⁶BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. PESTE Suína Africana: Vírus pode Resistir até 205 Dias. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 17/06/1978, Ed. 6917 (1), p.07, Caderno 1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 635/815). Acesso em: 12/03/2022.

No entanto, as providências adotadas pela Comissão Especial de Combate a Peste Suína Africana eram limitadas a estabelecer barreiras de fiscalização entre os estados do Paraná e São Paulo, proibindo a passagem de caminhões com suínos e outros animais. Os caminhões vazios só passavam após serem lavados e desinfetados. No entanto, essas medidas não foram suficientes e em 1978 a doença atingiu o Estado causando grande alarde e preocupação.

Ainda em 1978¹⁷ novos focos transmissores da peste suína africana foram encontrados em vários Estados do país, em Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro e no Paraná. Os rumores da entrada da PSA no Estado deixavam os criadores de suínos apreensivos, pois a suinocultura já vinha enfrentando uma forte descapitalização com aumento nos preços das rações e concentrados, além da baixa comercialização. A chegada da doença no Estado ocasionou em ainda mais instabilidade econômica para toda a região.

De acordo com a fala do proprietário da granja Calixto em Toledo-PR, Tarcisio Herket, os produtores de suínos não acreditavam que as medidas adotadas pela (SEAG) fossem suficientes para impedir a proliferação da peste suína africana na região. Atribuía-se a falta de consciência ao próprio suinocultor, “que nem vacina seus animais contra a peste clássica” (A PESTE, 1978, p.6). Tarcisio Herket, um dos maiores criadores de suínos do Estado, com 1.500 cabeças de suínos, reitera que seria necessário ações mais eficazes. Os produtores deveriam ser obrigados a tomar todas as medidas necessárias para evitar a proliferação da doença, proibindo a comercialização dos animais, além de receber orientações sobre os cuidados específicos com os rebanhos.

Já na década de 1980¹⁸ novamente focos de Peste Suína voltam a atingir boa parte do Estado do Paraná, prejudicando as exportações de carne e derivados, que foram suspensas em todo o Estado. Atribuía-se toda a responsabilidade aos criadores de suínos pela falta de controle e proliferação da doença, reiterando-se que a maioria das ocorrências eram verificadas em propriedades onde não existia tecnificação adequada. Afirmava-se que os produtores não dispunham de cuidados específicos com alimentação e de medidas preventivas básicas para controlar novos focos da doença.

¹⁷BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A PESTE Pode Ser Bem Maior do que Tem Sido Anunciado. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 22/06/1978/, Ed.6923(1), p.07, Caderno 1. Disponível:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 269/350). Acesso em: 07/03/2022.

¹⁸BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. PESTE Suína Atinge Boa Parte do Estado. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Ed. 7565(1), Curitiba 06/08/1980, p.09, Caderno 2. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 730/815). Acesso em: 12/03/2022.

A peste suína africana foi considerada a doença de maior ameaça para a pecuária, transmitida por um vírus muito resistente, pois ocasionava a morte de 30 a 40% dos animais. Aqueles animais que sobreviviam se tornavam inúteis para comercialização e consumo. Todavia, a doença assolava toda a suinocultura latino-americana em 1978¹⁹. Franz Peritz, chefe de produção animal da (FAO) para a América Latina demonstrava sua preocupação ao relatar que:

A peste é uma bomba latente contra a Pecuária Latino-Americana, sendo o porco em muitos países o único animal que os camponeses pobres possuem. Se a doença se difundir será necessário aplicar drásticas medidas sanitárias, a criação de porcos poderia ficar limitado ao futuro as grandes empresas rurais como ocorre com a avicultura, pois seriam as únicas em condições de praticar caríssimas medidas sanitárias. (PESTE, 1978, p. 23)

Após a entrada da peste suína africana no Oeste paranaense os pequenos criadores de suínos enfrentavam graves problemas, a falta de animais para abate, a elevação diária dos preços de medicamentos, rações e concentrados, produtos considerados essenciais para abastecer a suinocultura.

As dificuldades em decorrência da peste também afetavam os frigoríficos do Oeste do Paraná. De acordo com uma reportagem de 1978²⁰ o frigorífico Frimesa de Medianeira, o frigorífico Rondon de Marechal Cândido Rondon e o frigorífico Iguazu de Cascavel, foram obrigados a suspender total ou parcialmente as atividades realizadas em seus estabelecimentos devido à dificuldade em encontrar animais para abate desencadeando em baixa comercialização e na desvalorização da atividade.

Além disso, os suinocultores enfrentavam sérios problemas devido a crescente elevação dos preços das rações e concentrados e a pouca comercialização dos suínos. Nas palavras dos criadores, atribuía-se a falta de consciência de classe dos criadores de suínos que sempre foram servis e completamente dependentes dos frigoríficos. Além do total falta de conscientização do governo para a importância econômica da suinocultura na região²¹.

¹⁹BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A PESTE. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 27/08/1978, Ed. 6980(1), p.23, Caderno 03. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 286 /350). Acesso em: 07/03/2022.

²⁰BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SITUAÇÃO de Frigoríficos tem Decisão em Brasília. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 15/08/1978, Ed. 6969 (1) p.8. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 671/815). Acesso em: 12/03/2022.

²¹BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUINOCULTURA vai indo muito mal. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 07/06/1978 de 1978, p.07. Ed. 6910(1), p.08. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>(ocorrência 266/350). Acesso em: 04/03/2022.

Os criadores de suínos ainda criticavam a política agrícola adotada pelo governo federal, considerada pelos criadores, responsável pela situação lamentável da suinocultura. Pois todo apoio e os recursos financeiros estavam sendo destinados para os investimentos e expansão principalmente da soja e do trigo.

Os criadores estavam sendo obrigados a adotar medidas e restringir seus investimentos. Entre as medidas emergenciais, estavam o abate das fêmeas para evitar maiores prejuízos. Os produtores relataram a situação à qual estavam expostos através da fala: “o preço do suíno está sem nenhuma alteração, chegando à média de 11 a 12 cruzeiros o quilo do suíno vivo. O milho subiu de 80 para 120 cruzeiros a saca, as rações subiram 60,8% e o concentrado subiu nas mesmas proporções” (SUINOCULTURA, 1978, p. 8)

Em outra fala, outro produtor o qual não se identifica o nome diz:

“não consigo compreender como é que o governo, tão atuante em algumas áreas, rígido para cobrar taxas, juros de financiamentos agrícolas, impostos, confiscos nas exportações e para limitar os ganhos do produtor, não olha para esse festival de indecência que se pratica contra a suinocultura, a atividade que deveria receber estímulos para poder explorar o potencial econômico de vastas áreas do Paraná.” (SUINOCULTURA, 1978, p.8)

E continua dizendo: “a suinocultura no Paraná tem condições de contribuir com a mesma parcela da soja e do trigo para a economia do Estado [...] o suíno é um produto elaborado, uma verdadeira sub-industrialização do milho, soja e outros alimentos primários (SUINOCULTURA, 1978, p.8).

No entanto, devido às dificuldades econômicas que os produtores de suínos do Oeste do Estado enfrentaram nos últimos anos, em decorrência das doenças e da crescente desvalorização econômica da atividade, e por não disporem dos princípios de tecnificação exigidos para a produção de suínos, muitos estavam abandonando completamente a atividade na região.

Esta seção teve por objetivo abordar a relação das doenças com as dificuldades econômicas vivenciadas pelos suinocultores na década de 1970-1980. Identifica-se que os pequenos criadores foram os mais afetados no período mencionado. As discussões relacionadas ao tema também incluíram algumas referências que abordaram o processo de colonização dos municípios de Marechal Cândido Rondon e Toledo, ambos localizados no Oeste do Paraná, estes apareceram com grande visibilidade nas ocorrências analisadas e serão apresentados nesta seção

4.3 TOLEDO E MARECHAL CÂNDIDO RONDON

Com grande visibilidade nas reportagens pesquisadas, aparecem os municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon, ambos localizados no Oeste do Paraná. Este último município foi criado em 1960 e já em 1963 foi fundado o primeiro frigorífico de carnes suínas, denominado Frigorífico Marechal Cândido Rondon S/A, indústria e comércio (Frirondon), fundado inicialmente por comerciantes da cidade. Nessa época a suinocultura não era a principal fonte de renda dos agricultores, porém apresentava grandes perspectivas de crescimento futuro (SEIBERT e KOLING, 2006).

A construção do complexo agroindustrial de carne suína em Marechal Cândido Rondon se iniciou na década de 1970, e foi marcado especificamente pela sua integração ao mercado nacional. Esta integração ocorreu por meio de três fatos que estiveram interligados e contribuíram para a atual configuração do município. Entre eles estavam a mobilidade empresarial, que ocorreu naquele período com a mudança de antigos proprietários e da origem dos investimentos destinados para amplificar a produção (SEIBERT e KOLING 2006).

Além disso, a ampla atuação do poder público municipal no que tange ao estímulo ao franco processo de industrialização, e por último a necessidade de atrair mão-de-obra especializada com força e disposição para o trabalho. Com a crescente integração ao mercado nacional a atividade passa a ter mais relevância dentro da cadeia produtiva, desde a criação, comercialização, industrialização e o consumo (SEIBERT e KOLING 2006).

O município de Toledo, um dos principais centros produtores de suínos também se destacava na década de 1970, e foi escolhido para um dos maiores investimentos, através do interesse e da instalação de um dos frigoríficos do grupo Sadia. A primeira grande indústria no Oeste paranaense trouxe a ideia de progresso para a região (BOSI, 2017).

Por meados da década de 1960, em meio a uma forte crise econômica e política, com apoio da ditadura, com a inflação descontrolada, os pioneiros do grupo Sadia decidem colocar em ação um projeto de instalação de uma indústria de carne e derivados. A primeira dessas indústrias já havia sido instalada em São Paulo, conhecida como Frigobrás- Companhia Brasileira de Frigoríficos. Porém, com objetivos audaciosos, a atual empresa planejava implantar desde a industrialização e comércio de produtos alimentícios até a instalação de matadouros, frigoríficos, fábricas de conservas enlatadas e derivados alimentícios para exportação (TEIXEIRA, 1994).

Com a empresa Frigobrás já consolidada em São Paulo e sua produção em plena ascensão e se diversificando através do lançamento de novos produtos alimentícios e de novas técnicas introduzidas nos setores de produção. O grupo de acionistas buscava encontrar um lugar para garantir o fornecimento de matéria-prima, com grande potencial na produção de suínos. Após uma sondagem realizada nos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, os olhares voltaram-se para a região do Paraná, mais especificamente, para o oeste do estado, na cidade de Toledo (TEIXEIRA,1994).

O município escolhido para um dos maiores investimentos do grupo Sadia foi Toledo, localizado no Oeste do Paraná, criado em 1951. Um lugar de terras planas e férteis, famosa por suas terras roxas e cobertas por imensos pinheirais. Na década de 1950 atraiu muitos migrantes advindos dos estados de Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para trabalhar com agricultura e atividades agropecuárias. Dentre as atividades que nesse período já se destacavam em Toledo estavam os cultivos de milho, soja e trigo, e a suinocultura, com a produção de suínos do tipo suínos “crioulos” considerados de raça e linhagem de baixa qualidade (TEIXEIRA,1994).

Após uma negociação tumultuosa a empresa Sadia adquire um pequeno frigorífico construído na periferia da cidade e decide transformá-lo em abatedouro para ser utilizado como fornecedor de carne suína in natura. A compra do Frigorífico Pioneiro pela S.A. Indústria e Comércio Concórdia foi formalizado em 1964, após reformas e adaptações como instalações das câmaras frias. Em pouco tempo a nova unidade estava realizando um abate diário de aproximadamente 100 suínos por dia (TEIXEIRA,1994).

De acordo com Bosi (2017) o grupo Sadia adquire um frigorífico local construído, conhecido como frigorífico Pioneiro, e decidem investir majoritariamente no desenvolvimento dessa atividade na região. A ideia inicial é transformá-lo posteriormente em uma agroindústria de produtos de origem animal. Embora a escolha pelo município de Toledo, entre tantos outros, parta inicialmente do interesse e o fornecimento da matéria-prima, os suínos.

Corroborando as informações acima, uma reportagem datando de 10 de setembro de 1970²² reitera o interesse do grupo Sadia no desenvolvimento da região de Toledo. A empresa Sadia buscava ampliar o desenvolvimento da suinocultura na região, com a instalação de uma fábrica de rações balanceadas visando melhorar a qualidade dos rebanhos suínos na região e incrementar a produção do porco tipo carne. Em 1970, com apoio da ditadura civil-militar, o

²²BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. FÁBRICA de Rações em Toledo vai Receber Financiamento. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 10/10/1970, Ed. 4547(1), p.04. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 287/815). Acesso em: 28/02/2022.

projeto da empresa do Grupo Sadia demandou um importante investimento financeiro de aproximadamente de 1,8 milhão de cruzeiros, na região, sendo que parte desse valor seria financiado pelo Banco de Desenvolvimento do Paraná.

Desse modo, o frigorífico Pioneiro adquirido pelo Grupo Sadia inicia suas atividades em Toledo, após a instalação de uma fábrica de rações balanceadas para melhorar a qualidade dos rebanhos suínos e incrementar a produção do porco tipo carne na região. Na primeira etapa a fábrica demonstrou capacidade para produzir aproximadamente 50 toneladas de rações balanceadas por dia, com expansões previstas para atingir mais de 100 toneladas ao dia. A implantação dessa fábrica de rações fez parte de um projeto global do grupo Sadia que pretendia investir e desenvolver uma suinocultura de alta qualidade na região de Toledo-PR.

Outra reportagem de 1971²³ aponta para o interesse do governo em investimentos estatais, como as construções de importantes rodovias para região do Oeste do Paraná. Entre os principais motivos desses importantes investimentos estava o fato de que a região integrava os municípios de Toledo, Palotina e Marechal Cândido Rondon. Já em 1972²⁴ o Estado do Paraná se destacava como um dos maiores produtores de suínos do país com um rebanho de aproximadamente 7 milhões e 500 mil animais. Somente no Oeste do Paraná existiam 30 mil suinocultores com um rebanho de aproximadamente 1 milhão e 400 mil suínos e, em Marechal Cândido Rondon o rebanho chegava a 348 mil cabeças distribuídos entre 5.200 criadores de animais.

O município de Marechal Cândido Rondon demonstrava grandes perspectivas de crescimento, desenvolvendo uma suinocultura considerada promissora e de nível técnico avançado, alcançando um índice de 86% na comercialização dos animais. Além disso, Marechal Cândido Rondon também era um importante produtor de trigo, soja e milho.

No entanto, no início da década de 1970 a suinocultura em Marechal desenvolvida Cândido Rondon enfrentava um difícil período de desestímulo econômico com o aumento dos preços dos produtos destinados a suinocultura, e a ampla mecanização de extensas áreas destinadas principalmente para o plantio de soja e trigo. Contribuindo significativamente para a redução do rebanho de suínos na região. Porém, em meio as dificuldades, os produtores de

²³BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. PROJETO Final da Rodovia Cascavel-Toledo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 28/11/1971, Ed.4917(1), p.13, Caderno 1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 62/350). Acesso em: 13/03/2022.

²⁴BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUINOCULTURA, a Melhor Tecnologia. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 25/07/1972. Seção Geral. Ed.05114(1), p.13. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 64/350). Acesso em: 12/03/2022.

Marechal passaram a se preocupar em melhorar a seleção do plantel de suínos e inserir novas técnicas de produção. Com o objetivo de impulsionar a suinocultura na região de Marechal Cândido Rondon, os suinocultores decidiram investir em uma tecnologia de manejo considerada moderna, com a seleção das raças de suínos e a introdução do sorgo na fabricação das rações.

No entanto, medidas isoladas não eram suficientes para superar a crise econômica que os criadores enfrentavam desde 1969, a qual atingiu seu ápice em 1972²⁵. Por isso, os suinocultores do Oeste do Paraná solicitaram providências e investimentos ao governo federal para tentar salvar a suinocultura do Oeste do Paraná.

Os criadores citavam entre os principais motivos da crise a falta de um programa específico de incentivo à suinocultura com a disponibilização de investimentos para elevar o nível técnico da criação de animais. Os elevados custos na produção em relação ao preço pago pelo suíno vivo, que geralmente era inferior aos custos da produção, impediam que os criadores obtivessem lucros. Além disso, os criadores de suínos também não dispunham de uma linha de crédito específica para investimentos e enfrentavam dificuldades com os financiamentos.

Os criadores ainda citavam as arbitrariedades em relação ao tabelamento da carne. A Superintendência Nacional do Abastecimento (SUNAB), órgão que era responsável por realizar esse trabalho, tabelava o preço da carne sem avaliar os custos da produção, desse modo o tabelamento era realizado de maneira equivocada.

Os criadores de suínos apontavam a falta de apoio dos órgãos governamentais quanto ao combate e controle das enfermidades infecciosas, pois a região do Oeste do Paraná ainda não havia sido incluída na Campanha Mundial de Combate à Febre Aftosa. E enfrentavam dificuldades durante a comercialização e a negociação dos suínos. A comercialização dos animais era realizada através do sistema de Notas Promissórias Rurais, porém ao utilizar esse sistema, os criadores demoravam de 30 a 40 dias para receberem depois de efetuadas as vendas. Outro problema estava no momento da negociação, muitas vezes, os compradores de suínos vendiam rações de fabricação própria e comercializavam suínos reprodutores, obrigando os criadores de suínos a realizarem a troca pelos produtos, e não a venda.

Outra reivindicação estava na tipificação das carcaças. De acordo com os criadores a tipificação das carcaças deveria ser realizada por um órgão fiscalizador governamental, para

²⁵BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUINOCULTORES Fazem Apelo para Salvar Crise no Oeste. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 03/12/ 1972, Ed. 5223(1), p.16. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 336/815). Acesso em: 12/03/2022.

coibir qualquer tentativa de abusos por parte dos compradores de suínos. Como isso não acontecia, os criadores eram prejudicados, pois ofereciam ao mercado um suíno (tipo carne) de excelente qualidade e não alcançavam o valor almejado pelo seu produto.

De acordo com os criadores, as atividades realizadas pela Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ABCS) e a Associação Paranaense de Suinocultores (APS) eram limitadas e restritas a pequenos eventos, não sendo desenvolvidos trabalhos intensivos para melhorar a situação econômica dos suinocultores, propondo soluções viáveis para promover o desenvolvimento da suinocultura de forma efetiva na região.

Os produtores reivindicavam a fixação de um preço mínimo para a comercialização dos suínos, realizado pela Comissão de Financiamento da Produção, com equiparação dos valores ao preço das matérias-primas e das rações para os animais. Os produtores de suínos também se mostraram insatisfeitos em relação à incidência de 2% do Funrural. Embora os criadores de suínos fossem considerados pequenos proprietários de terras, e nessa categoria, não poderiam ser enquadrados como trabalhadores rurais.

A maioria dos criadores utilizava o sistema de semi-confinamento, e os animais eram alimentados por rações balanceadas preparadas nas próprias granjas através do sistema de arraçoamento. Os produtores de suínos dedicavam-se a essa importante atividade e tinham condições de produzir o melhor tipo de carne possível, pois dispunham de conhecimento e investimentos em suas propriedades.

Porém, em alguns municípios, como Marechal Cândido Rondon a principal fonte de renda advinha da suinocultura e por muitos anos manteve o posto de maior rebanho de suínos do país. No entanto, os problemas econômicos dos últimos anos levaram os produtores de suínos ao completo desestímulo, não só diminuindo o número dos rebanhos, mas tornando impossível para os criadores produzirem-no tecnicamente.

Em 1973,²⁶ após o governo federal atender as reivindicações solicitadas pelos criadores de suínos, e com o auxílio do Estado a suinocultura do Paraná começava a apresentar perspectivas de recuperação. Nesse período, a suinocultura paranaense possuía o maior rebanho do país e era responsável por abastecer 500 mil pessoas. A recuperação da suinocultura voltava a impulsionar a economia do país e entre as razões atribuíam-se à crescente melhora nos preços dos suínos, a extensão da campanha da Febre Aftosa para a região, e a decisão do governo de

²⁶BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUINOCULTURA no Paraná tem Boas Perspectivas. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 09/02/1973, Ed.5279 (1), p.04. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 344/815). Acesso em: 28/02/2022.

incentivar o plantio do sorgo. A produção do sorgo substituiu o milho na composição das rações para os animais e diminuiria os custos com a produção. Portanto, a intenção era de elevar os preços de comercialização dos suínos e diminuir a defasagem verificada entre o custo de produção e os valores de comercialização.

Em contrapartida aos aspectos positivos relacionados às medidas adotadas pelo governo e a crescente preocupação em investir tecnicamente na produção dos suínos, aumentava-se a preocupação dos consumidores em adquirir os suínos produzidos “direto da colônia”. Outra reportagem de 1974²⁷ apontava que os animais criados nas colônias eram mantidos soltos pelos quintais sem os cuidados específicos, principalmente quanto à vacinação e manejo adequado. Os animais foram considerados impróprios para o consumo, no abate verificava-se que muitos estavam doentes. Por esse motivo, os criadores estavam sendo obrigados a seguir as recomendações impostas pelas novas técnicas de produção e inserir as técnicas modernas. As recomendações eram de que os criadores de suínos deveriam manter os animais em chiqueiros e alimentá-los por ração animal, pois ao permitirem que os animais ficassem soltos, poderiam se alimentar por fezes e outros alimentos que prejudicavam o organismo do animal.

Percebe-se nesse texto, certa censura às práticas de manejo e criação anteriormente adotadas pelos criadores de suínos, juntamente a imposição das novas técnicas de produção animal. Embora, o texto reitera a preocupação com aspectos sanitários, de certa forma, desqualifica o trabalho realizado anteriormente pelos criadores de porcos. Porém, é possível perceber que a preocupação está voltada principalmente para as questões econômicas.

Já em 1976²⁸, a região do Oeste do Paraná se destaca por estar crescendo economicamente, possui o maior rebanho suíno de todo o Estado do Paraná. Embora a criação animal fosse umas das principais atividades desenvolvidas na região, o Oeste ainda produzia um terço da soja do país, e era o segundo maior produtor de trigo e milho do Estado e o primeiro na produção de mandioca.

Devido a sua importância econômica para o país, a região Oeste receberia benefícios do governo federal que impactam todo o Estado nos anos subsequentes. Através da criação de Programas Especiais, o governo federal propôs a destinação de recursos e investimentos para

²⁷BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. OS CRIADORES de suínos também foram beneficiados. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 24/08/1974, Ed. 5748(1), p.17. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 405/815). Acesso em: 12/03/2022.

²⁸BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. OESTE na Agenda Federal para Benefícios em 76. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 19/03/1976, Ed. 06227(1), p.03. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 146/350). Acesso em: 12/03/2022.

melhorar a infraestrutura de determinados polos considerados promissores como o Oeste. Os investimentos grandiosos em obras rodoviárias na região tinham por objetivo atender o escoamento das safras. Para beneficiar a região Oeste do Paraná criou-se o Programa “Especial de Desenvolvimento do Oeste do Paraná” (PRODOPAR).

Os Projetos para a região Oeste do Paraná foram aprovados através da Exposição de Motivos nº44 de 10 de março de 1975, e assinados por nove ministros (Planejamento, Minas e Energia, Saúde, Educação e Cultura, Agricultura, Transportes, Interior, Comunicação e Fazenda), englobados em seis grandes itens. O projeto iniciaria pela melhoria na infraestrutura econômica e social, iniciando pela cidade de Foz do Iguaçu-PR, a primeira cidade a vivenciar o impacto que atingiria todo o Estado nos anos seguintes.

O governo do Estado ao perceber o enorme potencial econômico do Oeste previa também a construção da nova Ferrovia Paranaguá- Foz do Iguaçu em seu trecho Cascavel – Foz do Iguaçu, com a aplicação de recursos de 3 bilhões e 730 milhões cruzeiros, entre os períodos de 1975 a 1977.

Embora a suinocultura paranaense apresentasse uma importância econômica imensurável para a região, em 1976²⁹ novamente estava em debate na agenda federal para o estabelecimento de metas com objetivo de alcançar a recuperação econômica. O rebanho suíno paranaense havia apresentado um decréscimo considerável, passando de um total de aproximadamente 7 milhões de cabeças em 1970 para 4 milhões no início de 1976. Por esse motivo um documento foi entregue ao ministro onde os suinocultores reivindicavam um programa de sustentação da carne suína, juntamente com um programa integrado de suínos, tipo carne, com o objetivo de alavancar uma produção com qualidade exigida pelo mercado internacional. Das aproximadamente 800 mil cabeças abatidas anualmente no Estado, apenas 270 mil obtinham a classificação suíno tipo carne exigida pelo mercado internacional, o restante dos animais entrava na classificação como suíno tipo banha. Os suínos com a classificação tipo banha eram comercializados a preços inferiores, e por serem utilizados na alimentação em substituição ao óleo vegetal sofriam uma desvalorização ainda maior.

Enfrentando oscilações recorrentes, a suinocultura paranaense apresentava dificuldades econômicas novamente em 1976³⁰. De acordo com Oswaldo Euclides Aranha, presidente da

²⁹BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUINOCULTURA em Debate Hoje. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 25/06/1976, Ed. 6310 (2), p.17. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 522/815). Acesso em: 02/02/2022.

³⁰BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUINOCULTURA tem Crise no Comércio. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 13/10/1976, Ed. 06412(1), p.06. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 570/815). Acesso em: 06/02/2022.

Associação Paranaense de Suinocultores (APS) devido as retomadas crises que a suinocultura enfrentava nos últimos anos, os suinocultores foram obrigados a reivindicar ao governo federal, subsídios para a compra de ração para os animais. Nesse período, o farelo da soja era o principal produto utilizado na composição das rações para os suínos e apresentava um aumento de 100% em seu valor.

Embora o Estado do Paraná fosse considerado o maior produtor estadual do rebanho suíno do país, detendo 20% de todo o rebanho nacional, nos últimos anos havia sofrido drásticas reduções. Em 1974 o rebanho paranaense atingia uma média de 5 milhões de suínos, em 1976 a redução do rebanho paranaense foi de 30%, previa-se que poderia alcançar uma redução de até 50%. Entre as principais dificuldades citadas pelos criadores estavam a falta de um preço mínimo estipulado para os produtos, a locomoção e o transporte até os grandes centros consumidores.

Devido às dificuldades, em 1976³¹ o Ministro da agricultura, Alysson Paulinelli apresentou em Brasília um Programa de Apoio ao Desenvolvimento da Suinocultura (PADS) e pretendia ir ao encontro a antigas reivindicações dos produtores de suínos. Propondo a definição de uma política de apoio à classe, há muito tempo solicitada pelos criadores de suínos. A primeira etapa do programa seria para suprir as demandas dos estados da região sul, porque na região concentravam-se 65% da produção nacional de suínos, 77% da produção de milho e 88% da produção de soja, insumos considerados básicos para a suinocultura.

O Programa também contaria com uma linha de crédito compatível com as necessidades dos criadores, e uma linha especial de financiamentos para leitões destinados a terminação com investimentos fixos, o teto de financiamento pretendia atingir até 100% do valor pleiteado pelos criadores de animais. Além disso, o Programa previa um valor para que os produtores investissem na produção de rações balanceadas. Além da elaboração de importantes investimentos em programas de seleção de linhagem de suínos estritamente nacionais com boas aptidões zootécnicas. A intenção do governo era extinguir a importação de linhagens melhoradas e inserir somente linhagens brasileiras selecionadas. No quesito comercialização o principal enfoque estaria na implantação da tipificação da carcaça, buscando a valorização do produto e a qualificação técnica.

³¹BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. APOIO A SUINOCULTURA. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba 28/11/1976, Ed.6451(1), p.26. Disponível em: <https://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 571/815). Acesso em: 08/02/2022.

Percebe-se que há preocupação com a instabilidade do mercado, como cita uma reportagem de 1978³², principalmente relacionadas ao futuro das atividades prejudicadas com as concordatas dos frigoríficos e com a estiagem do último que prejudicou as safras de milho e soja, insumos essenciais, utilizados na alimentação dos suínos.

A reportagem aponta que em meados da década de 1960, quando as primeiras lavouras mecanizadas de trigo e soja surgiram na região de Cascavel e Toledo, o Paraná tinha um rebanho suíno de cerca de 5.500.000 cabeças. No entanto, o censo demográfico de 1970 demonstrou que este número havia caído para apenas dois milhões e meio de suínos, já não mais concentrados em Toledo, Cascavel, M. C. Rondon e Palotina. A crescente mecanização das culturas de milho e soja contribuíram para desestimular os criadores de suínos a permanecer na atividade.

A suinocultura era uma atividade caracterizada por crises frequentes, e os reflexos eram vivenciados através da crescente descapitalização dos produtores. Além disso, a ausência de um esquema efetivo de defesa para os criadores de suínos contribuiu para levar a classe ao completo desestímulo. Os criadores de suínos haviam realizado investimentos com a infraestrutura de suas propriedades, a compra de suínos reprodutores, instalação de baias, criadeiras e maternidades, além da criação de granjas para a produção de reprodutores de alta linhagem. No entanto, devido às dificuldades com as concordatas estabelecidas com os frigoríficos, apenas o frigorífico da Sadia em Toledo poderia estabelecer o preço mínimo para o porco tipo carne. Aos criadores restava apenas uma única saída, conforme a fala de um dos criadores: “entregar tudo ao banco, as instalações, os animais. Pagar o banco com o que?” (INSTABILIDADE de mercado afeta suinocultura do Paraná, 1978, p.7).

Este capítulo abordou as dificuldades econômicas que os criadores de suínos enfrentaram, os elevados custos de produção e a desvalorização da atividade, além das intervenções do governo federal e estadual, no sentido de incentivar a suinocultura,

³²BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. INSTABILIDADE de Mercado Afeta Suinocultura do Paraná. **Diário do Paraná: Órgãos dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 31/03/1978, Ed. 6855(1), p.07. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 626/815). Acesso em: 08/02/2022

5 CAPÍTULO III

5.1 A SUINOCULTURA PARANAENSE E AS RELAÇÕES COM AS AGROINDÚSTRIAS E O PODER PÚBLICO

Esse capítulo trata das transformações técnicas e econômicas da suinocultura no Paraná na década de 1970, tendo como foco a relação com as agroindústrias e seus frigoríficos e com o poder público. São aprofundadas as discussões presentes no capítulo 2, buscando compreender como as agroindústrias interferiram decisivamente no cotidiano dos criadores e dos suínos, incluindo o seu bem-estar, através de uma série de técnicas recomendadas. São analisadas também as intervenções dos governos federal e estadual, no sentido de incentivar a suinocultura, como a extensão rural, subsídios fiscais e construção da infraestrutura facilitadora do processo, como asfaltamento de estradas ou acesso a energia elétrica.

5.2 INFRAESTRUTURA E POLÍTICAS AGRÍCOLAS DE APOIO A SUINOCULTURA.

De acordo com Espíndola (2002) a produção mundial de carne suína cresceu a uma taxa anual de 3,3% e em 1999 alcançou 88 milhões de toneladas. Entre 1961-1988 a produção brasileira alcançou 2,6% de crescimento anual e atribui-se como responsáveis pelo desempenho da atividade principalmente os estados do Sul. Alguns fatores contribuíram para que a suinocultura desenvolvida nos estados do Sul fosse comparada a suinocultura de países avançados, entre eles a crescente melhora da assistência técnica e de controle sanitário, o desenvolvimento da indústria de rações e concentrados no mercado, o lançamento de novos produtos industrializados e a crescente melhora genética de animais de reprodução e a propagação desses animais.

A etapa de melhoramento genético da suinocultura brasileira aconteceu subdividida em fases. A primeira fase ocorreu entre 1916-1950 caracteriza-se pela seleção e cruzamento do porco nacional com as raças importadas. A segunda fase ocorreu entre 1951-1975 foi marcada pela substituição das raças nacionais com predominância das criações do porco tipo banha devido à intensificação da criação de suínos das raças do tipo carne. Essa mudança em específico decorre da necessidade da indústria em substituir a gordura animal pelos óleos

vegetais, e através da inserção da produção intensiva, produzir suínos do tipo carne (ESPÍNDOLA, 2002).

A partir da década de 1970 empresas, principalmente as privadas, foram responsáveis pela implantação de um intenso programa de melhoramento genético. No sul do Brasil as primeiras iniciativas foram realizadas pelo grupo Sadia, através das importações de animais das raças *Landrace*, *Large White* e *Duroc*, quando foi desenvolvido o primeiro suíno híbrido brasileiro. Ainda dentro do programa de melhoramento genético da Sadia foi desenvolvido um programa de erradicação das doenças (ESPÍNDOLA, 2002).

Em 1973³³ o Oeste paranaense estava em pleno desenvolvimento agrícola, recebendo apoio de uma Rede de Serviços de Extensão Rural, com objetivo de elevar os níveis técnicos das produções, principalmente das plantações de soja. As técnicas aplicadas no município de Palotina-PR eram consideradas as mais avançadas do mundo e os investimentos em tecnologia contribuíram para o aumento das áreas de plantio e da produtividade em toda a região.

O município de Palotina foi considerado o maior produtor brasileiro de soja detendo a maior concentração das lavouras do país. Estimativas apontavam que em 1973 seriam colhidas aproximadamente 1,8 milhão de sacas de soja, e em Toledo e Marechal Cândido Rondon seriam colhidas aproximadamente 1,1 milhão de sacas respectivamente.

No entanto, produtores e membros das cooperativas relataram que enfrentavam dificuldades para escoar a soja devido às péssimas condições das estradas da região. A situação ficava ainda mais crítica em períodos chuvosos, pois os caminhões ficavam impossibilitados de trafegar. Por esse motivo, representantes dos municípios do Estado do Paraná reivindicam ao governo federal a construção da importante rodovia BR-467, sentido Cascavel e Marechal Cândido Rondon. Embora a região tivesse uma grande representatividade em todo o Estado devido ao seu grande potencial agrícola, ainda não havia sido beneficiada com as construções de quaisquer rodovias estadual ou federal.

Em outra reportagem de 1973³⁴, o presidente da Cooperativa Agrícola do Oeste Ltda (COOPAGRO) com sede em Toledo, também reivindicava melhorias na BR-467, rodovia que ligava o município de Toledo a Cascavel. As péssimas condições das estradas estavam

³³BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. PODE faltar Escoamento para Soja. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba 18/ 03/1973. Ed. 5311(1), p.16. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 76/350). Acesso em: 08/02/2022.

³⁴ BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUPERSAFRA (Falta de Transporte prejudica). **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 06/05/1973, Ed.5350(1), p.14. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 79/350). Acesso em: 08/02/2022.

acarretando falta de caminhões para realizar o transporte da soja. Além disso, os motoristas se recusaram a trafegar por aquele trajeto, aumentando assim os custos com transporte, comprometendo o ritmo da colheita.

Tais informações foram levadas ao gerente de Crédito Rural Industrial do Banco Central e para os representantes do BRDE (Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul) no Paraná e do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento no Brasil). No encontro com o diretor superintendente do BRDE do Paraná, o presidente da cooperativa informou que os 150 associados colheram na safra daquele ano cerca de um milhão de sacas de soja, representando uma comercialização no valor de 32.760.000,00 cruzeiros. Além do aumento do consumo de fertilizante que havia passado de 4.300 toneladas em 1971 para 8.000 toneladas em 1973, com um aumento estimado de 86%.

Ainda em 1973³⁵ o gerente da Coordenação de Crédito Rural e Industrial do Banco Central do Brasil, Sr. Oswaldo Tavares Moreira, esteve nas cinco cooperativas agrícolas na região do Oeste do Paraná, localizadas em Medianeira, Cascavel, Toledo, Palotina e Marechal Cândido Rondon, para verificar o trabalho realizado dentro das cooperativas agrícolas e os problemas que os agricultores enfrentavam. Ao perceber a significativa produtividade da soja na região demonstrou interesse em financiar a produção daquele ano.

As cooperativas foram criadas com financiamentos do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e estavam em processo de expansão, recebendo investimentos em infraestrutura para estocagem e comercialização de cereais. Após constatar que os agricultores estavam colhendo até 180 sacas de soja por alqueire, o gerente do Banco Central autorizou a liberação dos 40 milhões de cruzeiros para investimentos através de financiamentos para pequenas e médias propriedades agrícolas. Em 1972, o banco havia aplicado a quantia de 17 milhões de cruzeiros destinados especificamente para investimentos em unidades de armazenamento, mecanização das lavouras, aquisição de fertilizantes, sementes e inseticidas.

Ainda em 1973³⁶ o município de Toledo-PR alcançou um grande investimento que traria mais visibilidade para todo o Estado do Paraná. O governo federal através do Ministro da

³⁵BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. BANCO Central no Oeste (Visita Rendeu Bons Resultados). **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 06/05/1973, Ed.5350(1), p.14. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 79/350). Acesso em: 08/02/2022.

³⁶BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. TOLEDO Avaliará Suínos com Decisão do Ministro. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 18/03/1973,

Agricultura, Cirne Lima, disponibilizou um recurso no valor de 485 mil cruzeiros para a construção de uma Estação de Avaliação de Suínos. A Estação de Avaliação de Suínos seria a terceira unidade a ser instalada no Brasil e a primeira no Paraná, na qual se realizaria testes em animais reprodutores quanto ao ritmo de crescimento, conversão alimentar e qualidade da carcaça. Porém, para a instalação de um empreendimento dessa importância, alguns requisitos deveriam ser considerados, como a existência de um frigorífico no local para que os testes das carcaças fossem realizados. Deveria situar-se em uma região produtora de milho e soja, e em uma área que tivesse reprodutores inscritos no Registro de Produção- Pig Book Brasileiro, pois somente eram testados reprodutores de linhagem pura. Desse modo, a Estação de Avaliação de Suínos seria o suporte básico da política de reprodutores de alta linhagem. Este investimento deixaria o estado do Paraná em igualdade com os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul onde já funcionavam Estações de Suínos semelhantes.

Percebe-se que as reivindicações por melhorias em infraestrutura para o Estado do Paraná foram bastante recorrentes pelos criadores de suínos na década de 1970, e em 1979³⁷ foram solicitadas diretamente ao presidente do Brasil, João Baptista Figueiredo. O fato do estado do Paraná ser um grande produtor de soja justificava a urgência requerida pelos produtores em investimentos e melhorias em infraestrutura. Os investimentos eram considerados de suma importância para o desenvolvimento econômico e social da região, e entre as solicitações estavam a construção da “Ferrovia do Soja”, como ficou conhecida a Ferrovia Guarapuava sentido Cascavel. Os criadores de suínos também reivindicavam a conclusão da ferrovia Maringá sentido Guaíra, e o prosseguimento das construções dos trechos que ligavam Cascavel sentido Guaíra e Cascavel sentido Foz do Iguaçu-PR.

A suinocultura era uma atividade de extrema importância e movimentava a economia de todo o Estado, grande parte da riqueza do Oeste era gerada principalmente pela produção, comercialização e industrialização dos suínos através do aperfeiçoamento das raças destinadas para a produção do suíno tipo carne. Entre as solicitações reivindicadas pelos criadores estavam as melhorias nos preços de comercialização e intervenções pontuais do governo federal para que se estabelecesse um preço minimamente compatível com os valores das rações, insumos e concentrados.

Ed. 5311(1), p.16. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 23/62). Acesso em: 12/03/2022.

³⁷BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. PARANÁ faz um Rosário de Pedidos ao Governo Federal. **Diário do Paraná: Órgãos dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 05/08/1979, Ed.7262(1), p.03. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>(ocorrência 137/350). Acesso em: 20/02/2022.

Por essas razões, em 1980³⁸ após o afrouxamento da ditadura e a abertura política de 1979, a qual foi lenta e gradual, os criadores de suínos desesperados com a situação financeira e os prejuízos que enfrentavam com a produção de suínos, realizaram uma manifestação liderada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e foi chamada de “Trabalho e Justiça”. Esta manifestação alcançou uma proporção maior que as anteriores, pois aconteceu concomitantemente nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Os suinocultores tinham a intenção de bloquear as rodovias do Estado para impedir o transporte de suínos, carnes e derivados e outros insumos necessários à suinocultura. O movimento mobilizou os criadores de todo o Oeste paranaense saturados com os prejuízos, principalmente quanto à produção, pois gastavam aproximadamente 58 cruzeiros para produzir um quilo de carne e eram obrigados a vender por 39 cruzeiros.

Devido aos prejuízos econômicos que os criadores de suínos enfrentavam, o movimento em questão foi classificado como de “vida ou morte”. Entre as principais reivindicações dos suinocultores estava o estabelecimento de um preço justo para a comercialização, a elaboração de uma campanha nacional e efetiva para o aumento do consumo de carne e de produtos derivados de suínos em todo o Estado. Além de atividades mais atuantes por parte da vigilância sanitária com vistas ao controle de doenças que prejudicaram e dificultaram a introdução da carne brasileira no mercado externo.

Entre as solicitações estavam a elaboração de uma via de controle mais rígida para a intermediação e comercialização dos produtos e derivados de suínos. Uma política mais atuante para o controle dos preços dos produtos necessários a criação de suínos, como rações e medicamentos. E a prorrogação dos prazos para os pagamentos dos financiamentos contratados pelos suinocultores, com igualdade de tratamento na tributação de carnes de suínos, bovinos, aves e peixes.

Além disso, a implantação de um programa especial de crédito vinculado às cooperativas para que os criadores tivessem condições financeiras de aprimorar técnicas de industrialização e comercialização dos suínos. O repasse do milho importado também deveria ser direcionado direto para o pequeno produtor de suínos através das cooperativas, com exclusão da comercialização via bolsa de cereais, e a reformulação do imposto de renda para os suinocultores, a fim de evitar exploração abusiva.

³⁸BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUINOCULTORES vão Bloquear Rodovias. **Diário do Paraná: Órgãos dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 25/11/1980, Ed.7659(1), p.09, Caderno2. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 325/350). Acesso em: 25/03/2022

Outra reportagem de 1980³⁹ informava que por conta do movimento que estava sendo realizado pelos suinocultores do Oeste do Paraná, com o bloqueio de algumas rodovias do Estado, tropas do exército foram acionadas, para a efetivação das medidas a fim de conter os suinocultores e colocar fim às manifestações no Estado. Em nota oficial expedida a todos os meios de comunicação pelo comando da 5ª RM-DF (5ª Região Militar) em sua íntegra: “Os suinocultores do Oeste do Paraná, na defesa de suas reivindicações quanto ao preço de seus produtos, estão adotando método totalmente inadequado, qual seja o de deter as estradas e nas portas dos frigoríficos, veículos que transportam produtos da suinocultura, além de procurarem impedir a comercialização destes produtos pelos supermercados”. [...] “Os instigadores, sejam quais forem, serão presos em flagrante para responder ao competente inquérito a ser instaurado pela Polícia Federal. O comando está realizando deslocamento de tropas do Exército para a efetivação das medidas necessárias” (GUERRA do Porco, 1980, p.09)

Em resposta, os suinocultores redigiram a seguinte nota: “Dirigentes do movimento aguardam a presença das tropas, mesmo porque os suinocultores não acreditam que os soldados brasileiros, que 95% do efetivo do Exército são filhos de agricultores, portanto não se levantaram agora contra um movimento justo e pacífico” (GUERRA do Porco, 1980, p.09).

Os suinocultores reivindicavam o estabelecimento de um preço mínimo na comercialização e a isenção do ICMS sobre a carne suína. Com o slogan “porco está pegando no pé da vaca”, reiteraram que o governo não queria aceitar as reivindicações para não concorrer com o preço da carne bovina, pois os criadores de suínos possuíam pequenas propriedades e os pecuaristas grandes áreas para criação dos animais.

Ao todo, foram bloqueadas 14 rodovias com barreiras para impedir o transporte de suínos e derivados da região do Oeste do Estado, além disso, os suinocultores também mantinham fechados os frigoríficos dos municípios de Toledo, Cascavel, Marechal Cândido Rondon e Medianeira. Devido à gravidade da situação, outra reportagem datando de 29 de novembro de 1980⁴⁰ informava que todas as reivindicações dos suinocultores da região do Oeste do Paraná haviam sido aceitas pelo Ministro da Agricultura, Amaury Stábile.

³⁹BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. GUERRA do Porco: Exército se mobiliza. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 28/11/1980, Ed.7662(1), p.09. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 327/350). Acesso em: 25/03/2022.

⁴⁰BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUINOCULTORES Aceitam Acordo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 29/11/1980, Ed. 7663(1), p.06. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 328/350). Acesso em: 25/03/2022.

Após uma reunião com representantes dos frigoríficos, e autoridades do governo dos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o acordo solicitado pelos suinocultores havia sido assinado, colocando fim a uma manifestação que durou quatro dias. Embora tenha sido noticiada como pacífica, foram adotadas medidas extremas pelas autoridades locais, com ameaças contra os suinocultores, a ação da polícia militar na cidade de Cascavel para dispersar manifestantes acampados em frente ao frigorífico da Sadia e a entrada de caminhões do exército na cidade de Toledo com a intenção de intimidar os suinocultores que protestavam.

Como todas as concessões foram aceitas pelo governo, os frigoríficos concordaram em estabelecer o valor de 55,00 cruzeiros o quilo do suíno, e prorrogaram os vencimentos dos financiamentos e investimentos para os pequenos e médios suinocultores, pelo período de 90 dias. O governo se propôs a facilitar a venda do milho, direcionando a comercialização para os suinocultores. O governo também se propôs a organizar uma campanha para estimular a população para o consumo da carne suína e de produtos derivados, além da rápida abertura das exportações de carne suína para estabilizar a economia.

De acordo com a fala do Ministro Amaury Stábile, o principal fator da crise dos suinocultores estava no excesso de produção e no consumo limitado. Por isso, pretendia iniciar uma campanha de incentivo ao consumo da carne e da banha derivada do suíno em todo o Estado do Paraná.

5.3 O AVANÇO DA SOJA E A SUINOCULTURA

O cultivo da soja e a suinocultura avançavam paralelamente em todo Estado, e em 1972⁴¹ o crescimento econômico era de interesse tanto da esfera federal como estadual. Por esse motivo foi realizado um levantamento da produção agrícola do Estado pelo governo do Paraná para a elaboração de um documento para analisar os níveis de produtividade em toda a região. Este trabalho teve por objetivo além de apontar os problemas e soluções, traçar metas para aumentar a produtividade. Constatou-se que a mecanização agrícola no Estado do Paraná não era expressiva, pois havia no Estado aproximadamente 17 mil tratores, o que correspondia a um

⁴¹BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. AGRICULTURA tem Diretrizes de Ação. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 19/11/1972, Ed.5211(1), p.14, Caderno1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 68/350). Acesso em: 12/03/2022.

(1) trator para 322 estabelecimentos rurais, índice menor que a média da região sul que era de um trator para 210 estabelecimentos.

No Oeste do Paraná produziram-se algumas culturas como soja, algodão, trigo e café, responsáveis por mais de 70% do valor da produção agrícola do Estado e apresentavam uma importância muito significativa economicamente para a região. A produção e a rápida expansão da soja se destacavam naquele período, em 1967, a soja apresentava uma produção de cerca de 206 mil t., uma expansão considerável, já em 1970, atingiu 567,1 mil toneladas e, previa-se que para a safra de 1972 a produção chegasse a 966,5 mil toneladas. Desse modo, o Estado do Paraná se destacava como o segundo maior produtor nacional de soja, com mais de 30% da produção.

As perspectivas futuras eram excelentes e indicavam um crescimento para o ano de 1975, com uma produção de aproximadamente 1,5 milhão de toneladas, as quais estavam destinadas para abastecer as três indústrias de óleos vegetais que estavam sendo implantadas em no Paraná outra parte seria destinada para exportação. A reportagem aponta que entre os fatores que impulsionava os produtores para a produção de soja em detrimento da criação de suínos estava a garantia de um preço mínimo de comercialização, ao contrário do que acontecia com a criação de suínos.

Outro fator considerável foi que a partir da década de 1970 a utilização cada vez mais frequente do consumo dos óleos vegetais na alimentação humana impulsionou os criadores de suínos a manter uma especialização voltada para a produção dos suínos, tipo carne. A região Oeste do Estado se destacava na produção dos suínos, tipo carne e apresentava as mais altas taxas de produção com a utilização de uma cultura mais racional e técnica. As principais raças de suínos, tipo carne produzida na região eram Landrace e Duroc, pois eram consideradas mais adequadas à industrialização.

A rápida disseminação no mercado nacional do consumo dos óleos vegetais como alternativa ao consumo de gordura de origem animal (banha) apontado como responsável por possíveis problemas cardíacos, contribuiu consideravelmente para as alterações nos hábitos alimentares da população. O crescimento da produção e industrialização de soja no país e a substituição da banha de porco pelo óleo de soja na alimentação culminaram na desvalorização do porco tipo banha, forçando os criadores de suínos a substituírem seus animais por suíno tipo carne (TERHORST, SCHMITZ 2007).

Importante ressaltar que na década de 1970, a suinocultura apresentava excelentes perspectivas de crescimento, e se destacava como uma das principais atividades desenvolvidas em todo o Estado do Paraná, ainda que em alguns lugares mantivesse uma exploração paralela

a outras atividades agrícolas e fosse produzida somente para consumo local. Porém, em regiões onde as produções estavam sendo tecnificadas os níveis de qualidade dos rebanhos eram considerados satisfatórios.

Em algumas regiões do Estado ainda predominava a criação do porco tipo banha, no qual o animal apresentava uma maior quantidade de banha em relação ao seu peso. Porém, como a banha do animal era considerada um produto economicamente instável, desse modo ficava inviável seu processo de industrialização.

Ainda de acordo com (TERHORST, SCHMITZ 2007) desde a chegada dos imigrantes a criação de porcos era realizada basicamente para o consumo e abastecimento familiar. Além da carne, a banha do animal tinha um papel fundamental e era muito utilizada na alimentação humana e no preparo de vários alimentos. Além disso, como não era possível realizar a conservação dos alimentos através do resfriamento, os agricultores utilizavam de outras técnicas para manter a conservação da carne por mais tempo. As carnes eram armazenadas junto a banha do animal, utilizou-se a banha na produção de embutidos e a defumação para evitar o desperdício da carne. O consumo de banha era amplamente realizado pelos agricultores e utilizado em praticamente todas as refeições diárias. A prática de hábitos alimentares comuns em algumas culturas como, por exemplo, comer o pão com banha no café da manhã advém dos costumes dos imigrantes alemães.

Em 1978,⁴² entre as medidas adotadas pelo governo do Estado para que a soja produzida no Oeste do Paraná mantivesse a qualidade estava a fiscalização intensiva da produção e comercialização das sementes. A intenção era impedir que agricultores paranaenses adquirissem sementes adulteradas, que estavam sendo comercializadas ilegalmente em toda a região. Por esse motivo, o Departamento de Fiscalização da Secretaria da Agricultura (SEAG) intensificou as fiscalizações em todo o Estado. Em 1977 o Paraná havia utilizado cerca de 10 milhões de sacas de sementes, incluindo as de soja, com valor aproximado de 4 bilhões de cruzeiros. Os trabalhos de fiscalização foram direcionados principalmente para o Oeste do Paraná, responsável por aproximadamente 40% de toda a produção agrícola do Estado, maior produtor de soja do Estado havia adquirido em 1977, aproximadamente 1 milhão e 600 mil sacas de sementes de soja.

⁴²BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SEMENTES a Fiscalização será Intensificada- SEAG. **Diário do Paraná: Órgãos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 25/07/1978, Ed.6951(1), p.07 Disponível em:[https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência 279/350\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência%20279/350)). Acesso em: 12/03/2022

O Paraná dispunha de uma política de produção de sementes fiscalizadas e certificadas e apresentava condições gradativamente de ampliar a produção e a qualidade dos produtos, o sucesso da cultura dependia principalmente da utilização de sementes de qualidade. Por esse motivo, ao ser constatada qualquer irregularidade, os técnicos do Departamento de Fiscalização poderiam embargar as atividades ou suspender a comercialização das sementes.

Entre as medidas de apoio à suinocultura estava propor exercícios para melhorar os níveis de modernização técnica das propriedades, em 1978⁴³ Aconteceu em Curitiba o II Encontro Nacional de Educação Sanitária Animal, evento que reuniu médicos veterinários e jornalistas de todo o Brasil. O encontro buscava redefinir a Política Nacional de Educação Sanitária, reestruturar o Comitê Nacional de Educação Sanitária e Comunicação em Saúde Animal (CONESCO), e debater a Saúde Animal. De acordo com a fala do coordenador da Acarpa, médico veterinário Angelo Garbossa, citada na reportagem acima “é extremamente importante que haja um consenso técnico e de trabalho, a nível nacional, para que a atividade de Educação Sanitária Animal tivesse condições de desenvolver-se e apresentar resultados positivos”.

Entre os temas abordados estavam propor um exercício para demonstrar como os criadores deveriam agir em momentos de crise como durante a Peste Suína Africana. Além disso, os participantes iriam conhecer a estrutura de formação agrícola do Paraná, considerado extremamente atuante nas atividades de transferência de tecnologia ao direcionar a assistência técnica ao produtor rural. Os participantes conheceram as bases físicas do sistema da Acarpa, realizaram uma análise das condições do trabalho que estavam sendo propostos.

Os investimentos estavam sendo realizados para desenvolver uma suinocultura mais moderna. Para isso, técnicos ligados aos setores produtivos realizaram uma especialização na Alemanha com vistas a absorver os melhoramentos destinados à suinocultura no Brasil. Na Alemanha, os técnicos conheceram as regiões produtoras, de assistência técnica e controle sanitário. Essa experiência tinha como objetivo aperfeiçoar um manual que seria implantado no Paraná e traria modificações no atendimento às necessidades técnicas e econômicas do produtor rural. Além da suinocultura atenderia as demais atividades executadas pelo serviço de Extensão Rural.

⁴³BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. ENCONTRO Nacional Analisará a Educação Sanitária Animal. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. 05/10/1978, Ed. 7011(1), p.07, Caderno1. Disponível em: [https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência 296/350\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência%20296/350)). Acesso em: 14/03/2022

O manual englobava um novo tipo de trabalho e pretendia propor opções dentro das propriedades conforme os estágios de desenvolvimento a qual se encontravam. O produtor que se encontrasse em um nível baixo de adoção das técnicas modernas, teria condições de aproveitar as inovações propostas no manual, assim como as propriedades que já tinham atingido outros níveis de desenvolvimento técnico. A intenção era beneficiar a suinocultura paranaense com um novo enfoque desempenhado pelas equipes de extensão rural.

A próxima seção tratou das propagandas que buscavam impulsionar a suinocultura na década mencionada, bem como tranquilizar a população em relação às doenças que causavam a diminuição do consumo da carne suína.

5.4 PROPAGANDAS DA SUINOCULTURA

Em 1977⁴⁴ em uma solenidade realizada no município de Toledo com a presença de autoridades da esfera estadual e federal foi inaugurada a primeira Estação de Avaliação de Carcaças de Suínos em Toledo e lançado o Primeiro Concurso de Produtividade da Suinocultura em todo o Estado. Entre as medidas para melhorar o nível de qualidade da produção de suínos no Paraná, estava o lançamento do Primeiro Concurso de Produtividade do Porco Tipo Carne, o qual foi organizado e executado pela Acarpa. Este concurso tinha por objetivo estimular a criação de suínos, tipo carne, onde os animais apresentassem as características exigidas pelo mercado internacional. A Secretaria de Agricultura do Estado premiaria os suinocultores que alcançassem os melhores resultados no quesito produtividade.

Durante a V Festa do Porco no Rolete, em 1978⁴⁵, aconteceu a entrega dos prêmios do Primeiro Concurso de Produtividade do Porco tipo Carne. Ao todo, doze municípios do Estado participaram do Concurso, entre eles: Cascavel, Céu Azul, Matelândia, Medianeira, São Miguel do Iguaçu, Corbélia, Guaraniaçu, Toledo, Marechal, Palotina e Santa Helena. Os quesitos avaliados foram: maior produtividade, menor custo de produção e a melhor qualidade da carcaça. Além disso, foram considerados os resultados e as técnicas utilizadas dentro das propriedades e nos frigoríficos. Dentro das propriedades considerou-se as marcações realizadas

⁴⁴BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. TOLEDO recebe Alysson e Canet. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 18/05/1977, Ed.6592(1), p.10, Caderno 1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 246/350). Acesso em: 14/03/2022.

⁴⁵BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. PRÊMIOS a Suinocultores. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 24/09/1978, Ed.7002(1), p.08, Caderno 1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>(ocorrência 45/62). Acesso em: 12/03/2022.

nos leitões recém nascidos, as visitas periódicas para controle do custo de produção das fêmeas, controle do número de animais nascidos, desmamados e abatidos. Nos frigoríficos, realizou-se a pesagem dos animais verificando-se a espessura do toucinho, peso da carcaça e apreciação visual da carcaça. As premiações para os vencedores do concurso foram à entrega de um silo para grãos, celas parideiras, sacas de concentrados e um casal reprodutor. Verificou-se que o jornal deu amplo espaço para a Festa, com várias chamadas e lembretes para a população, o que demonstra o empenho dos organizadores e atores envolvidos, criadores, frigoríficos e autoridades públicas municipais e estaduais. A Festa do Porco no Rolete em Toledo se encontrava em 2023 na sua 50ª edição, o que reforça o investimento contínuo promovido ao longo dos anos por esses grupos em estratégias para aumentar o consumo de carne de porco e promover uma identidade para a região em torno da suinocultura.

Outra reportagem de 1978 ⁴⁶ informava que seria realizado em Toledo, no Oeste do Paraná, a V Festa do Porco no Rolete. O município de Toledo se destacava como um novo polo geográfico e econômico e um centro promissor de desenvolvimento industrial. Para além de ser o primeiro produtor estadual de soja e trigo do Paraná, no município ainda se cultivava milho, feijão, arroz, algodão e café. A suinocultura desenvolvida apresentava o mais alto padrão técnico do Estado, possuía 11% do rebanho suíno do Paraná, e o maior frigorífico abatedouro de suínos da América Latina e uma das quatro Estações de Avaliação de carcaças de suínos do Brasil.

O evento foi considerado o maior da região e pretendia atrair milhares de visitantes do Paraná e de outros Estados. A festa era de tal importância que foi incluída no calendário turístico do Paraná. Além disso, o evento gerou grandes expectativas, pois entre os convidados estavam o presidente da República Ernesto Geisel, o general João Figueiredo e o governador Jayme Canet Junior. A Festa do Porco do Rolete era uma tradição paranaense de origem dos costumes dos imigrantes dos pampas argentinos e do Rio Grande do Sul, onde tradicionalmente assavam-se animais inteiros em datas festivas e em celebrações comemorativas. Como o Estado do Paraná se destacava por ter um dos melhores rebanhos suínos do Brasil, a carne suína seria o principal prato servido na festa. O principal objetivo do evento era tranquilizar a população em relação à peste suína africana que vinha ocasionando na diminuição do consumo da carne suína.

⁴⁶BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. FESTA do Porco do Rolete é Atração de Toledo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba 16/09/1978, Ed.6994(1), p.05. Disponível em:[https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência 44/62\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência%2044/62)). Acesso em: 13/02/2022.

Outra reportagem de 1978⁴⁷ destaca novamente a V Festa do Porco do Rolete que aconteceu em Toledo, e teve como principal objetivo promover o consumo da carne suína que estava em completa decadência em razão da incidência da peste suína e da peste suína africana. Desse modo, se constituía em um esforço para recuperar os níveis de consumo de carne suína em todo o Estado do Paraná. Pedro Ari Pinto de Andrade, membro da câmara dos vereadores do município de Toledo, e um dos organizadores do evento informava que a Associação Paranaense de Suinocultores demonstrava interesse em realizar a Festa do Porco no Rolete também na capital, Curitiba. Com o objetivo de chamar atenção para os problemas e ressaltar a importância da suinocultura para a economia brasileira. O evento tinha por objetivo reiterar que a carne suína produzida com tecnologia não apresentava problemas com doenças como a PSA, pois o controle sanitário realizado nas granjas industriais era muito rigoroso.

Ainda em 1980⁴⁸, representantes da Emater do Paraná e da Acarpa propunham soluções alternativas visando diminuir os custos na produção dos suínos. Principalmente aqueles destinados à alimentação dos animais, responsáveis por aproximadamente 66,84% do custo total da produção. Como a suinocultura era uma atividade desenvolvida por pequenos produtores o alto com a produção dos suínos estava acarretando descapitalização dos criadores, que buscando evitar maiores prejuízos começaram a reduzir seus rebanhos através da venda das matrizes.

Entre as alternativas sugeridas estava a substituição do milho na alimentação dos suínos por outros alimentos mais econômicos, como a mandioca, trigoilho ou a batata doce, e a abertura do crédito rotativo destinado para a safra de milho, permitindo que os produtores criassem seus próprios estoques de alimentos.

Essas alternativas consideradas economicamente viáveis poderiam acarretar a diminuição com os custos de produção de até 20% mantendo a produção. A defasagem nos preços estava entre os maiores problemas enfrentados pelo setor agrícola paranaense.

Técnicos da Emater informaram que existia uma defasagem entre o preço pago ao produtor e o preço pago ao consumidor, uma alternativa sugerida para solucionar o problema seria negociar com os frigoríficos para que cobrissem os custos de produção. No entanto, o

⁴⁷BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. FESTA do Porco no Rolete para Promover Maior Consumo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 20 09 1978, Ed.6998, p.07, Caderno 1. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 293/350). Acesso em: 13/02/2022.

⁴⁸BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. NOVAS Alternativas a Suinocultura do Estado. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 29/08/ 1980, Ed. 7585(1), p.09. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>(ocorrência 734/815). Acesso em: 12/02/2022.

baixo consumo de carne no mercado resultava em sobra de carne de suínos nos estoques dos frigoríficos.

Era necessário que o governo elaborasse estratégias para aumentar o consumo de carne no mercado interno e externo. Além de uma campanha para introduzir esse tipo de carne na alimentação diária do brasileiro, que a considerava alimento somente para os finais de semana.

Ainda em 1980 a suinocultura apresentava um aumento do rebanho de 20%, porém a falta de recursos financeiros durante a época de safra de milho limitava os estoques para alimentar os rebanhos. A maioria dos pequenos produtores tinha em suas propriedades pequenas áreas destinadas para o plantio de lavouras de milho, porém, a produção não era suficiente para alimentar os animais. A alternativa seria a substituição do milho por outro alimento como a mandioca, trigoilho, ou bata doce, que além de ser considerada uma alimentação com menores custos não acarretaria diferença na qualidade da carne do suíno, ao contrário do que pensavam os produtores.

Técnicos da Emater informaram que haviam testado a alimentação à base de mandioca em outras unidades de observação de suínos. O coordenador da Emater afirmava que o uso da mandioca na alimentação possibilitaria a engorda dos animais até quatro vezes mais. A mandioca também apresentava um rendimento maior por hectare plantado que o milho. Nesse caso, o produtor deveria fazer a substituição na alimentação dos rebanhos, e contrabalancear a quantidade do alimento de sua escolha. Outra vantagem do uso da mandioca era que o produto não exigia armazenamento e poderia ser utilizado de diversas formas, fresca seca ou em forma de farinha. Os técnicos da Emater estavam preparados para orientar os produtores quanto à economicidade da substituição do alimento e quanto à disponibilidade do produto.

Ainda na década de 1980⁴⁹ o secretário da agricultura, Reinhold Stephanes, esteve em Brasília para das reivindicações dos suinocultores. A suinocultura havia apresentado um crescimento com aumento da oferta de aproximadamente 20 %, porém, o consumo mantinha-se igual. Os suinocultores estavam na expectativa de que o excedente de produção fosse voltado para o mercado externo, dependia de um rígido controle sanitário e de negociações com órgãos internacionais que tratavam do controle das doenças. Após a reunião realizada em Brasília, ficou aprovado o custeio pecuário para suínos, uma campanha de vacinação na região Sul com a disponibilização de 500 milhões de cruzeiros, com início da vacinação para aquele ano. Além

⁴⁹BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUINOCULTORES terão suas Reivindicações Atendidas. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 14/10/1980, Ed. 7623(1), p.12. Disponível em:[https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência_741/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência_741/815)). Acesso em: 12/02/2022

disso, a COBAL se responsabilizaria por comprar parte do excedente e os financiamentos para investimentos deveriam ser paralisados para evitar que a oferta continuasse aumentando. Além disso, o Banco do Brasil deveria rever os casos e prorrogar os financiamentos.

Novamente, entre as reivindicações propostas para a solução da crise que a suinocultura enfrentava estava o estabelecimento de um valor para a comercialização do suíno compatível com o quilo do milho. Como o aumento do preço do milho e a diminuição do preço do quilo do suíno foram pontos consideráveis pelos suinocultores que participaram da reunião, foi proposta a abertura de crédito rotativo, exportação dos animais, a realização de uma campanha nacional para o consumo da carne suína, e a criação de Conselhos Estaduais e Nacional para o desenvolvimento da suinocultura.

Sem apoio eficiente do governo federal, o cooperativismo também foi defendido como uma forma de fortalecer a classe trabalhadora. De acordo com os produtores, o ponto crucial a ser debatido seria a sobrevivência do pequeno produtor, pois os custos com a produção eram elevadíssimos.

A seguir, as considerações finais retomam alguns principais assuntos abordados durante a pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise proposta neste trabalho teve por objetivo compreender as principais transformações ocorridas na suinocultura a partir da inserção da criação industrial de suínos no Oeste do Paraná, enquanto um importante processo histórico, assim nos permite tecer algumas considerações que se julga fundamentais. Na década de 1970 inicia-se no Oeste do Paraná o processo de criação industrial de suínos por meio de algumas mudanças que foram ocorrendo de forma gradativa, e incluíram a inserção de técnicas modernas na produção dos animais, o uso de rações, principalmente a base de soja, instalação de frigoríficos e granjas industriais de suínos. Tais mudanças resultaram na ampla produção de suínos em regime de confinamento e na expansão das agroindústrias na região.

A presença da produção de suínos no Oeste do Paraná está amplamente relacionada ao processo de colonização da região e a entrada expressiva de imigrantes descendentes de italianos e alemães que inicialmente foram incentivados a ocupar espaços demograficamente vazios. Porém, a experiência que esses agricultores possuíam com o manejo da terra e com a soja, proporcionou condições para a expansão dessa monocultura na região, e também na criação de animais, como os suínos.

As reportagens analisadas do jornal Diário do Paraná demonstram uma série de aspectos sociais, econômicos e tecnológicos ligados a suinocultura e a sojicultura no Oeste do Estado. O incremento do rebanho suíno e da soja na região são processos intimamente ligados, devido aos gaúchos que promoveram não só o cultivo de soja, como também a criação de suínos, com destaque para os municípios de Toledo e Marechal Cândido Rondon. A suinocultura industrial que foi implantada na região e elogiada na imprensa dependeu de um amplo e garantido suprimento de soja para a fabricação de rações para os suínos. A própria escolha do município de Toledo pela Sadia para implementar o maior abatedouro de suínos da América Latina a época é reveladora dessa forte conexão entre soja e suíno na região Oeste. A expansão da soja também ajudou a forçar o direcionamento da suinocultura do porco tipo banha para o porco tipo carne, pois ficava impossível para a banha competir com o baixo preço do óleo de soja para a culinária. As reportagens também dão amplo espaço para tratar das crises e dificuldades econômicas que muitos criadores tiveram na década de 1970, incluindo a famigerada Peste Suína Africana.

Como em outras atividades agropecuárias, e mesmo considerando a política de forte intervenção na economia do período militar, era um processo econômico que acabava excluindo os menores produtores e onde somente os grandes produtores tinham condições de

sobrevivência, em especial nas épocas de crise. A mesma lógica se aplica aos frigoríficos e empresas de carne. Ao mesmo tempo, em meio ao ambiente de grande concentração econômica, a produção e o consumo não eram avaliados como suficientes, e por isso a necessidade de resgatar ou inventar tradições, como a Festa do Porco no Rolete.

O que as reportagens analisadas não mostram é o grande impacto ambiental promovido pela expansão das monoculturas de milho e soja na forma de desmatamento, poluição por agrotóxicos e uso intensivo de recursos energéticos de origem fóssil na moderna agricultura. Além disso, o enorme sofrimento experimentado pelos suínos sob o jugo das técnicas “avançadas” e abates em grande escala em frigoríficos ficam encobertos da visão do público e como tópicos tabus, não discutidos nessa arena pública que é a imprensa.

A rápida expansão dos cultivos dos grãos principalmente a soja na região tiveram uma influência direta sobre a suinocultura, pois favoreceram a indústria da ração e o fornecimento a um preço compatível. A produção da soja também foi destinada para abastecer as indústrias de óleos vegetais e derivados que estavam em crescimento no Estado, contribuindo para a substituição da banha do porco na alimentação humana.

Pode-se dizer que o objetivo geral deste estudo (investigar o processo histórico que levou à criação industrial de suínos na paisagem do Oeste do Paraná na década de 1970-1980) foi alcançado, a partir da análise das reportagens identificou-se o papel do Estado enquanto um grande impulsionador, viabilizando e disponibilizando as condições de produção necessárias no Oeste do Paraná.

Ficaram evidentes também os investimentos destinados para a região, a partir da instalação do primeiro frigorífico da Sadia no município de Toledo, fábrica de ração e da primeira Estação de Avaliação de Suínos, em Toledo-PR, as quais tiveram um papel fundamental direcionando as ações do Estado para a região.

Um dos objetivos específicos deste estudo era investigar as percepções sobre os suínos durante esse processo histórico, foi alcançado. Percebemos durante a análise das reportagens que somente eram destacadas as informações de cunho econômico, evidenciando o papel da suinocultura para o desenvolvimento da região, porém não identificamos nenhuma reportagem que tratasse sobre as técnicas de bem-estar animal ou qualquer preocupação nesse sentido.

Em relação aos objetivos específicos, um deles era investigar como a utilização da soja influenciou na suinocultura na década de 1970- 1980 concluímos que a introdução da cultura da soja possibilitou a expansão das agroindústrias que ali se instalaram se beneficiando direta ou indiretamente das condições disponibilizadas para uso coletivo. As empresas também foram favorecidas pelas ações estatais através da liberação de recursos financeiros e investimentos,

como as construções de importantes rodovias em todo o Estado. Além da liberação de recursos financeiros com ampla abertura de crédito voltado para investimentos nas propriedades.

O seguinte objetivo específico foi investigar as percepções e propagandas governamentais sobre a carne suína durante esse processo histórico. Identificamos algumas reportagens relacionadas às propagandas para estimular o consumo da carne suína que estava em decadência em todo o estado devido a incidência das doenças como a Peste Suína e a Peste Suína Africana

Doenças graves, como a Peste Suína e a Peste Suína Africana, causaram grandes preocupações, prejuízos e dificuldades econômicas para os suinocultores. As doenças ocasionavam a morte de muitos animais, e a diminuição do consumo da carne de porco na região. Uma estratégia adotada pelo governo estadual e municipal, na cidade de Toledo- PR, por exemplo, foi promover propagandas para estimular a suinocultura e o consumo da carne na região, através de ações como o Concurso de Produtividade da Suinocultura, a Festa do Porco do Rolete e exposições-feiras.

Para desenvolver uma suinocultura moderna no estado do Paraná, foram necessários grandes investimentos governamentais em infraestrutura tais como: construção e asfaltamento de rodovias, instalação de frigoríficos e subsídios governamentais, instalações de órgãos de extensão rural, abertura de crédito agrícola entre outros. O acesso ao serviço e o apoio da rede de extensão rural como a Emater, por exemplo, a Associação Paranaense de Suinocultores (APS) também tiveram como objetivo difundir as tecnologias e inserir as práticas modernas de criação e manejo dos animais aos criadores de suínos. Compreende-se que o sistema de produção implantado pelas grandes empresas na região fez surgir o que hoje pode ser considerado o espaço de produção agroindustrial de carnes no Oeste do Paraná.

Além disso, no decorrer da década de (1970-1980) o Jornal Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados relatava as sucessivas crises econômicas, dificuldades financeiras e falta de apoio dos órgãos governamentais. Identificamos muitas dificuldades que os pequenos criadores de suínos enfrentavam naquele período, visto que as reivindicações solicitando melhorias nos preços de comercialização e para arcar com os custos de produção, eram frequentes.

As crises recorrentes e as dificuldades financeiras enfrentadas pelos criadores de suínos resultaram na crescente desvalorização da atividade, ocasionava em descapitalização, principalmente dos pequenos criadores. Muitos estavam endividados e sem apoio do governo federal para continuarem na atividade. Além disso, a ausência de um esquema efetivo de defesa e apoio aos pequenos criadores de suínos também contribuiu para levar a classe ao completo desestímulo. Além das dificuldades econômicas, eram necessários investimentos nas

propriedades para inserir as técnicas modernas que estavam sendo exigidas para a produção de suínos, por essas razões muitos estavam abandonando completamente a atividade na região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável**. 3ª ed. rev. Ampl. São Paulo: A-PTA; Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.
- AEN (Agência Estadual de Notícias). **Estado apoia instalação de empresa de suínos que vai gerar mil empregos na região Centro-Sul**. 2022. Disponível em: <<https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Estado-apoia-instalacao-de-empresa-de-suinos-que-vai-gerar-mil-empregos-na-regiao-Centro>> Acesso em: 18 de jul. de 2023.
- ALTIERI, Miguel A.; NICHOLLS, Clara Inés Nicholls. **A agroecologia em tempos de COVID-19**, p.6. 2020. Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/>. Acesso em: 13 maio 2021.
- ANIMAL EQUALITY. **O impacto da indústria da Carne no Brasil. Bem-estar animal, saúde humana e economia**. Animal Equality Brasil. São Paulo, 2022.
- ATLAS DA CARNE. **Fatos e números sobre os animais que comemos**. Rio de Janeiro: Heinrich BöllStiftung, 2016. 68p.
- BACH, Arnaldo Monteiro. **Porcadeiros**. Ponta Grossa,PR: Pallotti, 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. São Paulo, 2016.
- BELIK, Walter; PAULILO, Luiz F. **O financiamento da produção agrícola brasileira na década de 1990: ajustamento e seletividade**. In: LEITE, Sérgio (org.). **Políticas públicas e agricultura no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.
- BOSI, Antônio de Pádua. **O Frigorífero da Sadia em Toledo-PR (1965-1979): Publicidade e Recrutamento de Trabalhadores**. Espaço Plural, nº 37, 2017.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, Gervásio Paulus José Antônio. (Orgs.). **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília, DF: 2009.
- CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de; PROVIN, Bruno Griebler; VALENTINI, Renan Paganini. Uma leitura da modernização da suinocultura: história, agropecuária e bem-estar animal - Paraná, Brasil (1960 – 1980). **Expedições Teoria da História & Historiografia**, https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth, v. 7, n. 2, 2016. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth. Acesso em: 13 maio 2021.
- CARVALHO, Miguel Mundstock Xavier de. História dos impactos ambientais da modernização da pecuária: O caso da produção de suínos no Paraná (1950-presente). In: DRUMMOND, José Augusto; FRANCO, José Luiz de Andrade; SILVA, Sandro Dutra e; BRAZ, Vivian da Silva. **História Ambiental, Natureza, Sociedade, Fronteiras**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Garamond Ltda, 2020. v. 3, cap. 16, p. 377-393.
- CORAZZA, G. **História da Fronteira Sul: traços da formação econômica**. Ed. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). 2015.
- DELGADO, Guilherme. **Do capital financeiro na agricultura a economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012)**. Editora da UFRGS, Porto Alegre. 2012.
- DIAMOND, Jared. **Armas, Germes e Aço: os destinos das sociedades humanas**. 21ª ed. Record, 2017. 472 p.

- ESPÍNDOLA, Carlos José. **As agroindústrias de carne no Sul do Brasil**. Tese de doutorado em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP. São Paulo, 2002.
- FAIRR Initiative. Farm Animal Investment Risk and Return. 2020. Disponível em: <https://www.fairr.org/>. Acesso em: 28 de julho de 2023.
- FROEHLICH, Graciela. **Carne(ar), no passado e no presente: hábitos e práticas alimentares entre descendentes de imigrantes alemães**. UFPR, 2011.
- GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Editora Atlas S.A., 4º Edição, São Paulo, SP, 2002, 176 p.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- GREGOLIN, Graciela Caroline *et al.* **Desenvolvimento do Unicamente Econômico ao Sustentável Multidimensional**. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, Macapá, v. 12, 3ª ed., 2020.
- SANGLARD, Fernanda *et al.* **Memórias da Repressão: Relatório da comissão municipal da verdade de Juiz de Fora**. Comissão Municipal da Verdade. Editora MAMM, 2ª ed. Juiz de Fora, 2016.
- LEITZMANN, Claus. **Vegetariannutrition: past, present, future**. The American Journal of Clinical Nutrition. 2014; 496-502p.
- MALUF, Renato S. **Multifuncionalidade da agricultura familiar**. In: BOTELHO FILHO, Flávio Borges. Agricultura familiar e desenvolvimento territorial contribuições ao debate. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, Núcleo de Estudos Avançados, v. 5, n. 17, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.
- MIRALHA, Wagner. Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje. **Revista NERA**, Presidente Prudente, v. 9, n. 8, p.151-172, jan./jun. 2006.
- MCMICHAEL, Philip. **A food regime genealogy**. *The Journal of Peasant Studies*, 36:1, 139-169. jan 2009.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO. **Fome na América Latina e no Caribe pode afetar quase 67 milhões de pessoas em 2030**. FAO no Brasil. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura. Disponível em: <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1297922/>. Acessado em 13 de maio de 2021.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. **Relatório de Progresso 2017: Marco de Parceria das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável (2017-2021)**. Disponível em: http://brasil.un.org/sites/default/files/202102/Brasil_Relatorio_Progresso_2017.pdf. Acesso em: 28 de julho de 2023.
- OWD (Our World in Data). **Fornecimento de carne por pessoa**. Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/meat-supply-per-person>. Acessado em 13 de maio de 2021.

- PAULILO, Maria Ignez S. **Produtor e agroindústria: consensos e dissensos**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.
- PERTILE, NOELI. **Formação do Espaço Agroindustrial em Santa Catarina: O processo de produção de carnes no Oeste Catarinense**. Tese de doutorado em Geografia Humana Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis: UFSC, 2008.
- PINKER, Steven. **Os Anjos Bons da Nossa Natureza: porque a violência diminuiu**. Companhia das Letras; 1ª edição. 2013.
- PRIORI, Angelo. et al. **História do Paraná: séculos XIX e XX**. Maringá. 2012.
- RADIN, C. J. **História da Fronteira Sul: Um olhar sobre a colonização da Fronteira Sul**. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). 2015 p.146.
- TEIXEIRA, Francisco. **Sadia 50 anos: Construindo uma História**. São Paulo: Prêmio, 1994.
- SCHNEIDER, Sergio *et al.* **Os Efeitos da Pandemia da Covid-19 sobre o Agronegócio e a Alimentação**. Estudos Avançados, 34, 2020.
- SEIBERT, Carlos Alberto; KOLING, Paulo José. **A Construção do Complexo Agroindustrial de Carne Suína no Extremo Oeste do Paraná (1970-1990): estratégias empresárias e o fazer-se dos trabalhadores**. Encontro Internacional da ANPHLAC. Campinas, 2006.
- STEINFELD, Henningteinfeld et al. **Livestock's long shadow: Environmental Issues and Options**. Roma:FAO,2006.
- SINGER, Peter. **Libertação animal: o clássico definitivo sobre o movimento pelos direitos dos animais**. WMF Martins Fontes, 1ª Edição 2010.
- TERHORST, Karin Inês Lohmann; SCHMITZ, José Antônio Kroeff. **De Porco a Suíno: História da Suinocultura e dos Hábitos Alimentares Associados aos Produtos dela derivados entre Agricultores Familiares do Vale do Taquari**. Agricultura familiar a mesa, 2007.
- TILMAN, David; CLARK, Michael. **Global Diets Link Environmental Sustainability and Human Health**. *Nature*. Vol. 515; 2014. p. 518-522.
- VARGAS, RAYAN Scariot; OLIVEIRA, JÉSSICA Righi de; FRANCO, FERNANDO Silveira. A Dissociação do ser humano com a natureza e o advento da pandemia da covid-19: a prática da agricultura biodinâmica na contramão do aumento de zoonoses. **Revista Brasileira de Agroecologia**, ano 2020. 42-55, v. 15, n. 4. Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia>. Acesso em: 13 maio 2021.
- VIANA, Francisco Cecílio. **História e Memória da Peste suína africana no Brasil, 1978-1984: Passos e Descompassos**. Tese de Doutorado apresentada a Escola de Veterinária. UFMG, 2004.
- VISAK, Tatjana. **Killing happy animals: explorations in utilitarian ethics**. Palgrave MacMillan, 2013.
- WEIS, Tony. **The Ecological Hoofprint: the Global Burden of Industrial Livestock**. London and New York: Zed Books, 2013.
- WEIS, Tony. **The meat of the global food crisis**. *The Journal of Peasant Studies*. Vol.40, No. 1. 2013.
- ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa: Algumas considerações metodológicas**. PUC. São Paulo, 1985.

FONTES

BIBLIOTECA NACIONAL. **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Agricultura: Ampliação de Crédito Rural Educativo no Paraná. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 30 de agosto de 1970, Seção Paraná Agrícola. Ed. 04539 (1), p.4, Caderno 2. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (Ocorrência 57/350) na Hemeroteca Digital. Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Novos Produtos para Suínos (Mais Peso em Menos Tempo). **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 01 de abril de 1973, Seção Geral, Ed.532, p.16. Disponível em: [https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência347/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência347/815)). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Peste Suína Ameaça Oeste Paranaense. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 31 de maio de 1970, Seção Geral, Ed.04461, p.14, Caderno2. Disponível em: [https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência283/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência283/815)). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Projeto Final da Rodovia Cascavel-Toledo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 28 de novembro de 1971. Seção Geral, Ed.4917, p.12, Caderno 1. Disponível em: [https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência62/350\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência62/350)). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Animais Transmitem Gripe ao Homem. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 20 de dez de 1970. Seção Informe Científico. Ed.4633(1), p.24. Disponível: [https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência294/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência294/815)). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Gripe Suína. Seção. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 08 de abril de 1976. Seção Geral, Ed.6244, p.2. Disponível em: [https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência471/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência471/815)). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Carne os Perigos No Consumo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 29 de jun. de 1976, Seção Geral, Ed.6314-2, p.20. Disponível em: [https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência525/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência525/815)). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Peste Suína Atinge Boa Parte Do Estado. Seção Economia. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 06 de agosto de 1980. Ed. 7565 (1), p.09, Caderno 2. Disponível em: [https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital\(ocorrência730/815\)](https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital(ocorrência730/815)). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Peste Suína Africana: Vírus Pode Resistir Até 205 Dias. Seção. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 17 de junho de 1978, Ed. 6917 (1), p.07 **Caderno 1**. Disponível

em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 635/815). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A Peste Pode Ser Bem Maior do que Tem Sido Anunciado. Seção Economia. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 22 de junho de 1978, Ed. 6923(1), p.07, Caderno 1. Disponível:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 269/350). Acesso em: 07/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A Peste. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 27 de agosto de 1978, Ed. 6980(1), p.23, Caderno 03. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 286 /350). Acesso em: 07/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Situação de Frigoríficos tem Decisão em Brasília. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 15 de agosto de 1978, Ed. 6969 (1) p.8. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 671/815). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Suinocultura Vai Indo Muito Mal. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 1º Caderno 07 de Junho de 1978, p.07. Ed. 6910(1), p.08. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>(ocorrência 266/350). Acesso em: 04/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Fábrica de Rações em Toledo Vai Receber Financiamento. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 10 de setembro de 1970, Ed. 4547(1), p.04. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 287/815). Acesso em: 28/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Projeto Final da Rodovia Cascavel-Toledo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 28 de novembro de 1971, Ed.4917(1), p.13, Caderno 1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 62/350). Acesso em: 13/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Suinocultura, a Melhor Tecnologia. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 25 de Julho 1972. Seção Geral. Ed.05114(1), p.13. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 64/350). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Suinocultores Fazem Apelo Para Salvar Crise no Oeste. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 03 de dezembro 1972, Ed. 5223(1), p.16. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 336/815). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Suinocultura no Paraná tem Boas Perspectivas. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 09 de fevereiro 1973, Ed.5279 (1), p.04. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 344/815). Acesso em: 28/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Os Criadores de Suínos Também Foram Beneficiados. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba,

24 de agosto de 1974, Ed. 5748(1), p.17 Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 405/815). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Oeste na Agenda Federal Para Receber Benefícios em 76. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 19 de março de 1976, Ed. 06227(1), p.03 Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 146/350). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Suinocultura em Debate Hoje. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 25 de junho de 1976, Ed. 6310 (2), p.17. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. (ocorrência 522/815). Acesso em: 02/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Suinocultura Tem Crise No Comércio. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Seção Pesquisa, Curitiba, 13 de outubro de 1976, Ed. 06412(1) p.06. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 570/815). Acesso em: 06/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Apoio a Suinocultura. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Seção Economia, Curitiba, 28 de novembro de 1976, Ed.6451(1), p.26. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 571/815). Acesso em: 08/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Instabilidade de Mercado Afeta A Suinocultura Do Paraná. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 31 de março de 1978, Ed. 6855(1), p.07. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 626/815). Acesso em: 08/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Pode Faltar Escoamento para Soja. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 18 de março de 1973, Ed. 5311(1), p.16. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 76/350). Acesso em: 08/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. SUPERSAFRA (Falta de Transporte Prejudica). **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 06 de maio de 1973, Ed.5350(1), p.14. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 79/350). Acesso em: 08/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. BANCO Central no Oeste (Visita Rendeu Bons Resultados). **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 06 de maio de 1973, Ed.5350(1), p.14. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 79/350). Acesso em: 08/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Toledo Avaliará Suínos Com Decisão Do Ministro. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 18 de março de 1973, Ed. 5311(1), p.16. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 23/62). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Paraná Faz Um Rosário de Pedidos Ao Governo Federal. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 05 de agosto de 1979, Ed.7262(1), p.03. Disponível

em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 137/350). Acesso em: 20/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Suinocultores Vão Bloquear Rodovias. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 25 de novembro de 1980, Ed.7659(1), p.09, Caderno2. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 325/350). Acesso em: 25/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Guerra Do Porco: Exército Se Mobiliza. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 28 de novembro de 1980, Ed.7662(1), p.09. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 327/350). Acesso em: 25/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Suinocultores Aceitam Acordo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 29 de novembro de 1980, Ed. 7663(1), p.06. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 328/350). Acesso em: 25/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Agricultura Tem Diretrizes De Ação. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 19 de novembro de 1972, Ed.5211(1), p.14, Caderno1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 68/350). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Suinocultura Tem Comissão Para Definir Assistência. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 08 de outubro de 1975, Ed.6091(1), p.13, Caderno1. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 453/815). Acesso em: 13/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Sementes A Fiscalização Será Intensificada- SEAG. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 25 de julho de 1978, Ed.6951(1), p.07 Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 279/350). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Encontro Nacional Analisará A Educação Sanitária Animal. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 05 de outubro de 1978, Ed. 7011(1), p.07, Caderno1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 296/350). Acesso em: 14/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Toledo Recebe Alysson e Canet. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 18 de maio de 1977, Ed.6592(1), p.10, Caderno 1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 246/350). Acesso em: 14/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Prêmios A Suinocultores: Toledo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 24 de setembro de 1978, Ed.7002(1), p.08, Caderno 1. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 45/62). Acesso em: 12/03/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Festa Do Porco Do Rolete É Atração de Toledo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 16 de setembro de 1978, Ed.6994(1), p.05. Disponível em:<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>

digital(ocorrência 44/62). Acesso em: 13/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Festa Do Porco No Rolete Para Promover Maior Consumo. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 20 de setembro de 1978, Ed.6998, p.07, Caderno 1. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 293/350). Acesso em: 13/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Novas Alternativas A Suinocultura Do Estado. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 29 de agosto de 1980, Ed. 7585(1), p.09. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 734/815). Acesso em: 12/02/2022.

_____. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Suinocultores Terão Suas Reivindicações Atendidas. **Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados (PR)- 1955 a 1983**. Curitiba, 14 de outubro de 1980, Ed. 7623(1), p.12. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital> (ocorrência 741/ 815). Acesso em: 12/02/2022.